CONEXÕES ENTRE EDUCAÇÃO TUTORIAL E EDUCAÇÃO POPULAR

THIAGO INGRASSIA PEREIRA (ORG.)

CONEXÕES ENTRE EDUCAÇÃO TUTORIAL E EDUCAÇÃO POPULAR

THIAGO INGRASSIA PEREIRA (ORG.)

Organizador
Thiago Ingrassia Pereira

Revisão dos textos
COMUNICA (Agência de Comunicação EIRELI)

Projeto Gráfico
Mariah Carraro Smaniotto

Diagramação
COMUNICA (Agência de Comunicação EIRELI)

Capa
Ana Paula Bertuol Rebelatto, Luiza Zelinscki Lemos Pereira e Thífany Piffer

Formato
Impressão

C747 Conexões entre educação tutorial e educação popular / Thiago Ingrassia Pereira (org.) . – Erechim, RS: [s.n.], 2020.
88 p. : il. color. – (Coleção Debates do Práxis; v.5)

ISBN: 978-65-86545-34-0

1. Educação 2. Professores – Formação 3. Educação popular 4. Inovação pedagógica I. Pereira, Thiago Ingrassia (org.) II. Série III. PET Práxis

CDD: 370

Ficha catalográfica elaborada pela Divisão de Bibliotecas – UFFS
Franciele Scaglioni da Cruz
CRB - 14/1585

Coleção Debates do Práxis
Volume 5

www.petconexoesdesaberes-uffs.blogspot.com

Sumário

Abrindo o diálogo

Thiago Ingrassia Pereira[1]

Um livro é um exercício ousado. Escrever é uma tarefa criativa, crítica e que nos situa politicamente. Um livro coletivo apresenta uma dupla ousadia: escrever junto, estar junto, nos reconhecer como um corpo plural, vivo, em movimento, contraditório e, por isso mesmo, envolvente.

Esta é a quinta coletânea que tenho a satisfação de organizar em minha atividade de Tutor do Programa de Educação Tutorial (PET). Cada letra impressa nessas publicações representa uma experiência, uma aprendizagem e um desafio. É um registro do que vivemos, das nossas angústias, entraves e, sobretudo, das nossas realizações.

Pela palavra, falada e escrita, pronunciamos o mundo e a nós mesmos. Aprendemos no campo da Educação Popular que dizer a nossa palavra é um ato político essencial para nossa humanização. Assim, escrever é uma (re)criação de significados, e a publicação é um esforço de compartilhar nossas ideias. Estou identificado com o que Paulo Freire argumentou em "Cartas a Cristina" (1994, p. 15):

> *Escrever, para mim, vem sendo tanto um prazer profundamente experimentado quanto um dever irrecusável, uma tarefa política a ser cumprida. A alegria de escrever me toma o tempo todo[...]. Em minha experiência pessoal, escrever, ler e reler as páginas escritas, como também ler textos, ensaios, capítulos de livros que tratam o mesmo tema sobre que estou escrevendo ou tema afins, é um procedimento habitual.*

O Grupo PET Práxis/Licenciaturas da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) Erechim, norte do Rio Grande do Sul, é composto por doze estudantes de graduação e um professor que tem a função de tutoria, além de docentes e discentes colaborado-res(as). Nosso Grupo está em atuação desde dezembro de 2010 e acompanha o próprio desenvolvimento da UFFS, universidade criada por Lei Federal em setembro de 2009.

Organizado em torno da Educação Popular de matriz freireana, o PET Práxis se integra a uma rede composta por mais de 800 Grupos PET atuantes em 121 instituiçoes

---

1 Sociólogo, Doutor e Pós-Doutor em Educação. Tutor do Grupo PET Práxis/Licenciaturas, modalidade Conexões de Saberes da UFFS Campus Erechim (FNDE).

de Educação Superior em todos o país, buscando uma permanência academicamente relevante de estudantes e docentes universitários(as).

Este livro é resultado das ações realizadas entre 2018 e 2020 e segue a linha política e pedagógica do PET Práxis. Dessa forma, está assentado na perspectiva educacional crítica que vai ao encontro da Educação Popular como estratégia de produção e divulgação de conhecimento potencialmente transformador.

Durante esse processo formativo, bolsistas iniciaram e concluíram seus períodos no PET. A autoria principal deste livro é do grupo de bolsistas de graduação – dos cursos de Licenciatura da UFFS Erechim – que constituem o PET Práxis desde o segundo semestre de 2019.

Nesse sentido, cada capítulo exprime uma ação realizada pelo PET Práxis. A reflexão sobre a prática e a sistematização de experiências (JARA, 2020) permite um registro histórico de atividades que são marcadas pelo contexto da pandemia do novo coronavírus (covid-19), que alterou rotinas e sociabilidades desde março de 2020 no Brasil.

A necessária reinvenção do PET Práxis está refletida na Parte III (novos desafios). Exercitamos a dialética entre a denúncia e o anúncio, no movimento complexo de compreensão do que está acontecendo e de seus impactos no nosso planejamento.

Movimento. Essa noção é muito cara ao PET Práxis, pois se associa ao conceito que intitula o nosso Grupo PET. Estamos em permanente construção e, nos termos de Freire, nos reconhecemos como inacabadas e inacabados. Esse movimento permite ações de ensino, pesquisa e extensão que se articulam com a filosofia da Educação Tutorial e com o projeto do PET Práxis no campo da Educação Popular.

Por isso, na Parte I (*A Educação Tutorial na UFFS Campus Erechim*) estão refletidas as ações que estruturam nosso trabalho no último período. São elas: (a) Grupo de Estudos, (b) Quero entrar na UFFS, (c) PET em Movimento e (d) Travessias: diálogos do PET com a pós-graduação. Além disso, o capítulo que encerra essa parte busca apresentar em perspectiva algumas estratégias formativas do nosso Grupo, explicitando nossa intenção de criar um amálgama entre as dimensões acadêmicas.

Assim, o PET não é um projeto de pesquisa ou extensão, assim como não possui enfoque no ensino. Somos um programa voltado à formação universitária de alto nível, integrando dimensões e criando inovações metodológicas – em especial, assumindo uma postura interdisciplinar. Temos o compromisso com a melhoria dos cursos de graduação em que atuamos, assim como a aposta no protagonismo e na autonomia das pessoas.

Pessoas. Outra concepção essencial ao projeto educacional que nos move e fomenta nossas ações. Longe de individualismos de qualquer natureza, o PET Práxis aposta no coletivo, no trabalho em grupo e na criação de solidariedades. Isso não anula a dimensão pessoal, mas cria conexões entre pessoas e ideias, processo cheio

de contradições e desafios. Isso justifica, em certo sentido, a escrita de *memoriais formativos* (Parte II).

A escrita de memoriais é tradiação do PET Práxis. Já publicamos vinte e dois memoriais, mais textos autorreflexivos de nossos egressos(as) que ingressaram na pós-graduação. Para Rafael Arenhaldt, especialista na temática e ex-Tutor do PET Conexões Políticas Públicas de Juventudade da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), "escrever um memorial formativo é um modo de assumir a autoria de sua própria história e de assumir-se autor(a) de si. Escrever um memorial formativo é dar forma à sua caminhada de vida" (ARENHALDT, 2012, p. 137).

As três partes que integram o livro podem ser lidas de forma independente, mas estão articuladas nos objetivos de registro, reflexão e autoria que almejamos no PET Práxis. Por isso, não tive a preocupação de as apresentar em ordem crescente, pois estão em movimento.

O convite à leitura do nosso trabalho está feito. Ao nos ler, saiba que estará diante de uma escrita corporificada a partir de experiências, algumas delas improváveis, de jovens estudantes universitários(as) das classes populares. Nesse sentido, meu agradecimento a cada uma e cada um que aceitou o desafio de ser autor(a) desta coletânea. Obrigado por me ensinarem muitas coisas, sobretudo a ratificar que a educação nos exige o respeito às pessoas, ao outro e à outra, pois somos gente.

Agradeço à Pró-Reitoria de Graduação da UFFS, bem como ao Comitê Local de Acompanhamento e Avaliação (CLAA) dos Grupos PET da universidade. Esse apoio foi decisivo para a publicação deste livro. Que outras publicações sigam sendo apoiadas, afinal, estamos sempre em movimento e queremos *Ser Mais*.

Erechim, outubro de 2020.

Referências

ARENHALDT, R. Memorial formativo: a escrita da trajetória de vida de estudantes de origem popular. In: PEREIRA, T. I. (org.). **Há uma universidade no meio do caminho**: caminhadas dos bolsistas de PET/Conexões de saberes da UFFS/Erechim até a universidade. Erechim: Evangraf, 2012, p. 135-147.

FREIRE, P. **Cartas a Cristina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

JARA, O. **A educação popular latino-americana**: história, e fundamentos éticos, políticos e pedagógicos. São Paulo: Ação Educativa/CEAAL/ENFOC, 2020.

Parte I

A EDUCAÇÃO TUTORIAL NA UFFS CAMPUS ERECHIM

Uma década de aprendizagens

Isaura Welker[1]
Thiago Ingrassia Pereira[2]

Um Programa Educacional que completa uma década ininterrupta de atuação no meio universitário pode olhar para o que fez, entender o que faz e, sobretudo, projetar o que ainda poderá fazer. Esse é o caso do Grupo PET Práxis/Licenciaturas, modalidade Conexões de Saberes, em atuação desde dezembro de 2010 na UFFS *Campus* Erechim, Rio Grande do Sul.

Neste breve texto, iremos discutir a concepção educacional que sustenta as ações formativas do PET Práxis e, em seguida, apresentar alguns exemplos em que as aprendizagens da Educação Tutorial produziram frutos em nossa árvore do conhecimento[3].

Uma forma de ser e estar na universidade

Tendo em vista as concepções do PET previstas em seu Manual de Orientações Básicas (MOB)[4], o PET Práxis foi pensado como um espaço potente de formação universitária, considerando a Educação Popular de matriz freireana. Essa concepção vai ao encontro dos objetivos dos Grupos PET na modalidade Conexões de Saberes, a qual o PET Práxis está inserido desde a sua criação em 2010.

A construção do PET Práxis parte do Edital nº 9/PET/2010 – MEC/SESu/SECAD e de sua proposta de acolher, de forma inédita, os princípios do Programa Conexões de Saberes, que visava à aproximação da universidade com as comunidades populares. Dessa forma, como parte das ações do primeiro ano de funcionamento da UFFS e

---

1 Estudante de Licenciatura em Pedagogia e Bolsista do Grupo PET Práxis/Licenciaturas, modalidade Conexões de Saberes da UFFS Campus Erechim (FNDE).

2 Sociólogo, Doutor e Pós-Doutor em Educação. Tutor do Grupo PET Práxis/Licenciaturas, modalidade Conexões de Saberes da UFFS Campus Erechim (FNDE).

3 Em alusão ao logo (identidade visual) adotada pelo PET Práxis desde 2016. O logo pode ser visualizado nas páginas iniciais deste livro ou nos canais de internet do nosso Grupo.

4 Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/pet/manual-de-orientacoes>. Acesso em: 19 out 2020.

considerando sua proposta prevista no Projeto Pedagógico Institucional de ser uma universidade "pública e popular", construímos uma proposta voltada à permanência de estudantes de origem popular na universidade.

Nossa ideia inicial se centrava na criação de uma cultura acadêmica de excelência, que não dicotomizasse rigor científico e compromisso social, ou seja, a nossa formação acadêmica deveria reconhecer a dimensão política do conhecimento. Além disso, nos dedicamos à divulgação da nova universidade e à criação de estratégias de formação crítica no campo educacional e das ciências humanas e sociais.

Ao longo das diferentes formações de seu grupo de trabalho, o PET Práxis foi se reinventando, tanto em ações como em referências teóricas. Contudo, o eixo fundante do Grupo permaneceu ancorado na Educação Popular, no trabalho acadêmico sensível a temas emergentes – de gênero e raça/etnia, por exemplo – e na capacidade de produzir experiências formativas coletivas, interdisciplinares e solidárias.

Para o funcionamento desta proposta formativa, vários pactos pedagógicos foram produzidos ao longo do tempo. Não é simples a convivência e o trabalho com pessoas diferentes. Mas nisso reside uma das potencialidades do PET em relação a outros projetos pontuais de ensino, pesquisa ou extensão. Aprendemos com o outro, com as situações concretas, com as frustrações e os desacordos. Ficamos fortalecidos em experiências que nos desacomodam e que são limítrofes entre razão e emoção.

Nos termos de Paulo Freire, assumimos o nosso "corpo consciente", que expressa nossas trajetórias sociais, nossas preferências e nossas (in)capacidades. Dessa forma, o PET Práxis é pensado como uma "Comunidade de Aprendizagem". O que é isso?

Podemos definir Comunidades de Aprendizagem como uma proposta de transformação social e cultural que envolve estudantes, professores(as), pais e demais cidadãos e cidadãs locais na construção de um projeto educativo e cultural próprio, para educar a si, suas crianças, seus jovens e adultos(as)[5]. Portanto, é um projeto coletivo que cria entrelaçamentos e busca expandir a relação educativa centrada nos meios tradicionais de ensino – sala de aula, por exemplo.

Por isso, o(a) Tutor(a) do PET não "dá aula" nem é orientador(a). Ele ou ela questiona, ajuda, esclarece, assegura a mediação pedagógica, avalia, mantém atualizado o registro de avaliação formativa de cada tutorando(a), faz observações ocasionais e sistemáticas, verifica se os dispositivos pedagógicos estão sendo devidamente utilizados, se as regras de convivência estão sendo cumpridas (PACHECO, 2019).

Nossa organização pedagógica tem em Paulo Freire não apenas um teórico da educação, mas uma inspiração para o trabalho formativo. Por isso, assumimos a politicidade da educação e a importância de "dizer a sua palavra", rompendo com processos históricos da chamada "cultura do silêncio" (LOUREIRO; PEREIRA, 2019). Essa é uma tarefa desafiadora, pois há uma concepção tradicional de formação

5 Disponível em: <https://educacaointegral.org.br/glossario/comunidade-de-aprendizagem-2/>. Acesso em: 23 set 2020.

acadêmica que, quando problematizada, aparece com força. Trata-se das relações verticais esperadas entre docentes e discentes.

No PET Práxis, buscamos uma convivência sem autoritarismos, mas com a presença da autoridade. A autoridade é parte da liberdade, pois os pactos são fundantes de regras legítimas e não impostas. Essa concepção precisa ser construída e conviver com as tentações autoritárias entre os sujeitos do processo formativo. Por isso, em nosso trabalho construímos cinco princípios orientadores. São eles:

a) Protagonismo
b) Diálogo
c) Trabalho em equipe
d) Participação
e) Produção científica

Esses princípios são buscados nas ações desenvolvidas do Grupo. Não idealizamos nosso cotidiano, pois sabemos que as contradições são inerentes à convivência humana. Por outro lado, pretendemos ser um Grupo produtivo, sem ser produtivista (ZAMBON; PEREIRA, 2019). Ou seja, almejamos que o nosso trabalho possa ser importante para demarcar questões progressistas no espaço universitário, ao mesmo tempo em que nos prepara para a continuidade dos estudos (pós-graduação) e para a docência (carreira profissional).

Para esses objetivos, tentamos produzir uma forma de ser e estar na universidade e com as pessoas, sejam da comunidade acadêmica, sejam da região. Por isso, assumimos algumas etapas em nosso processo de trabalho que, articuladas e interdependentes, possibilitam ações formativas dotadas de sentido e com alto potencial educativo. São elas:

PLANEJAR – EXECUTAR – SISTEMATIZAR – ANALISAR – PUBLICAR

Ao nos envolver nessas etapas, criamos uma sistemática interessante que permite ao nosso Grupo, considerando suas diferentes formações, contribuir para a entrada de petianos(as) na pós-graduação – *lato* e *stricto sensu* –, além de experiências de trabalho coletivo que servem como aprendizado para quase tudo que faremos na vida.

Estamos nos aproximando de uma década de trabalho. Muitos estudantes das Licenciaturas da UFFS *Campus* Erechim passaram pela condição de bolsista (com e sem remuneração), e o professor Tutor segue desde o início. Nesse percurso, produzimos cinco coletâneas (livros) a partir de ações do PET Práxis, além de nos envolver em outras três organizadas pelo coletivo dos cinco Grupos PET da UFFS.

Temos a produção de artigos científicos, participamos de eventos acadêmicos e atividades junto a Movimentos Sociais Populares, realizamos saídas de estudos,

produzimos resumos, resumos expandidos, pôsteres, apresentamos trabalhos, realizamos oficinas e contribuímos para a consolidação da pesquisa e da extensão no *Campus* Erechim.

Recentemente, no contexto da pandemia do novo coronavírus (covid-19), intensificamos ações via internet como uma forma de manter agenda de trabalho, ainda que reinventada. Temos atualmente os seguintes canais:

- E-mail (petpraxiserechim@gmail.com)
- Blog (https://petconexoesdesaberes-uffs.blogspot.com/)
- Facebook (https://www.facebook.com/GrupoPraxisPETConexoesdeSaberes)
- Instagram (https://www.instagram.com/petpraxisuffs/)
- YouTube (https://www.youtube.com/channel/UCyfscokCTeKkCYUv3rpxmMA)
- Podcast no Spotify (https://open.spotify.com/show/20uhNoQDZdpPMbVFg-6m2iw?fbclid=IwAR3-b9cKtjP9Ax__Pumt0gMKxYZZk6zXK__-yWx01t6Z3h4gvEmitPY26tXo)

Como serão apresentadas nos capítulos posteriores, as ações do PET Práxis contam com planejamento participativo, execução negociada, análise pactuada e divulgação. Partindo dos princípios brevemente apresentados nesta seção, passaremos a refletir sobre alguns *lugares* onde essa proposta formativa do PET Práxis tem chegado.

PET Práxis: nas ruas e nas redes

As diferentes ações desenvolvidas nesta década foram vividas por diferentes sujeitos sociais. Marcamos presença em diversos momentos da vida institucional da UFFS e nos espraiamos por meio da trajetória contínua de estudos e trabalho da(os) petianas(os). A seguir, apresentamos as menções ao PET Práxis no site oficial da UFFS (http://www.uffs.edu.br/).

Quadro 1: Menções ao PET Práxis no site da UFFS

Descritor: PET Práxis	
1. *Quem quer ser professor(a)?* é tema do PET em Debate no Campus Erechim	19. PETS da UFFS promovem encontro
2. PET em Debate discute “Diversidade na Escola” no dia 6	20. Grupo Práxis socializa experiências em segundo livro, no *Campus* Erechim
3. Membros do Grupo Práxis – PET participam de evento em Brasília	21. Comunidade petiana da UFFS se reúne no Campus Erechim para participar do IV SINPET

Descritor: PET Práxis	
4. Ação de extensão do PET promove diálogo entre UFFS e estudantes de escolas públicas	22. Grupos do PET da UFFS socializam experiências em seminário
5. PET promove feira de livros no Campus Erechim	23. Mesa de discussão no Campus Erechim aborda “O projeto popular da UFFS e o papel dos movimentos populares”
6. PET em Debate aborda “A permanência dos estudantes na UFFS – Campus Erechim”	24. Grupo de estudos debate obra de Paulo Freire
7. Em dois dias, mais de 400 estudantes de escolas da região visitam o Campus Erechim	25. Campus Erechim: ação do PET leva informação sobre ingresso na UFFS a alunos de escolas públicas
8. Campus Erechim: PET em Debate promove primeiro encontro de 2016 na próxima quarta-feira (13)	26. Saúde mental na academia é tema de debate no dia 29
9. Campus Laranjeiras do Sul realiza 2º Sinpet nos dias 15 e 16 de outubro	27. Campus Cerro Largo é sede do 3º SINPET
10. Campus Erechim recebe visita de estudantes do Colégio Haidée	28. Campus Erechim: conceito de popular é foco de debate promovido pelo PET
11. Campus Erechim: Feminismo e Educação Popular serão tema do primeiro encontro do PET em Debate em 2017	29. Campus Erechim: bolsistas do PET apresentam trabalhos em Salão de Iniciação Científica na UFRGS
12. PET cria canal no YouTube sobre a UFFS e o acesso ao Ensino Superior	30. PET promove debates sobre o movimento Escola Sem Partido
13. Grupo de estudos debate obra de Eduardo Galeano	31. Cenário político e avaliação da educação tutorial são temas de abertura. do V SINPET
14. PET Travessias inicia nova edição nesta quarta-feira (13)	32. PET realiza evento sobre mulheres negras
15. Livro reúne trajetórias de estudantes de origem popular até a UFFS – Campus Erechim	O que mais virá pela frente? ...
16. Campus Erechim recebe 400 alunos da região em ação do PET	
17. Professora do Amazonas e mestrando da UFFS palestram sobre feminismo	
18. PETs da UFFS realizam diálogo sobre educação tutorial e situação epidêmica	

Fonte: autora e autor a partir de pesquisa no site da UFFS (outubro/2020).

Como é possível observar, há uma interessante fonte de consulta *online* sobre as ações do PET Práxis. Esses registros demonstram momentos de presença do PET Práxis na vida acadêmica da UFFS, em debates com os demais Grupos PET da UFFS e outras instituições, bem como na relação entre a universidade e a comunidade.

O nosso planejamento anual, que é sempre apresentado, relatado e aprovado no âmbito do CLAA/PET/UFFS, mobiliza o Grupo em atividades organizadas segundo critérios pedagógicos e orientações teóricas e metodológicas. Esse processo de trabalho tem oportunizado experiências formativas que permitem o desenvolvimento das potencialidades das pessoas envolvidas com a Educação Tutorial.

As pessoas são o maior patrimônio de um Programa de educação. Por isso, é interessante destacar que todas e todos que passaram pelo PET Práxis deixaram sua contribuição, fazendo parte das conquistas de todo mundo. O coletivo nos fortalece na mesma medida que nos desafia. Sabemos que a vida é complicada, ainda mais para as classes populares. Temos exigências materiais concretas de sobrevivência, e cada pessoa tem uma trajetória singular.

Portanto, não nos cabe julgar ou apenas valorizar quem conseguiu seguir os estudos em nível de pós-graduação. Isso é uma questão de conjuntura; às vezes, um insucesso em uma seleção nos ensina muito e nos abre outras possibilidades. Fora que ninguém tem a continuidade dos estudos como uma obrigação. Ao ressaltar petianos(as) egressos(as) que estão em especialização, mestrado e doutorado, queremos dar visibilidade a uma das finalidades do PET, que é a entrada de seus e suas egressos(as) na pós-graduação. O quadro a seguir apresenta, com base nas informações do Currículo na Plataforma Lattes (CNPq), egressos(as) do PET Práxis que estão na pós-graduação.

Quadro 2: Egressas(os) do PET Práxis na pós-graduação

Nome do(a) egresso(a)	O que está fazendo ou fez
Adriele Terezinha Sielski	Especialização em andamento em Pós-Graduação *Lato Sensu* – Especialização em Teorias e Metodologias da Educação. (Carga Horária: 487h). Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, IFRS, Brasil.
Carine Marcon	Mestre pelo Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação, estudante pesquisadora no SOCIEDUDES – Grupo de Pesquisas e Intervenções Sociedade, Educação e Desigualdades (CNPq) pela Universidade Federal da Fronteira Sul – *Campus* Erechim/RS.
Daniel Gutierrez	Mestre e Doutorando em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Ciência Política da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Integra o Núcleo de Pesquisa em Movimentos Sociais (NPMS) e o Metrópolis – Laboratório de Pesquisa Social.
Ediana Cionara Antunes Braciak	Pós-Graduação *Lato Sensu* em Teorias e Metodologias da Educação – pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, *Campus* Sertão RS, e acadêmica do curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Metodologias no Ensino de História pela Uninter.
Janniny Gautério Kierniew	Doutoranda e Mestra em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2017) na linha de pesquisa Arte, Linguagem e Currículo. Especialista em Intervenção Psicanalítica na Clínica da Infância e Adolescência (UFRGS), integrante do Núcleo de Pesquisa em Psicanálise, Educação e Cultura (Nuppec), da Rede Internacional de Pesquisa Graphias e da Rede Internacional Hilo-Fio.
Paulo Alberto Duarte Junior	Mestrando em Ciências Humanas e cursa especialização em Gestão Escolar pela UFFS Erechim.
Renata de Jesus	Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria/RS (UFSM).
Rovian Schenatto Palavicini	Mestre e Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Fonte: autora e autor a partir de pesquisa no Lattes/CNPq (outubro/2020).

Além desses(as) estudantes, destacamos Fernanda May (Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas/UFFS), Joviana Vedana da Rosa (Mestrado Profissional em Educação/UFFS) e Fabrício Fontes de Souza (Mestrado em Ciências da Religião/UEPA), que tiveram aprovação em mestrados e não concluíram os cursos. É relevante a presença de dois egressos e uma egressa em cursos de doutorado na UFRGS e UFSC. A presença do PET Práxis na pós-graduação, por meio de seus e suas egressos(as), é importante para afirmar nossas aprendizagens nesta primeira década do nosso Grupo.

Considerações finais

Caminhamos, mas ainda há muito a caminhar. O PET Práxis chega a 10 anos de atuação e segue sempre se renovando, pois as pessoas, seu maior patrimônio, o colocam em permanente movimento. Nosso compromisso maior é com a formação acadêmica com rigor científico e compromisso social.

Atuamos pelo desenvolvimento da UFFS e da universidade pública, gratuita e de qualidade, entendida como um direito social. Lutamos por condições de trabalho, que passam por estrutura, reconhecimento institucional e custeio adequado. Isso sem falar das bolsas que precisam de aumento (o valor é cerca de 40% do salário-mínimo nacional) e fluxo mais contínuo de pagamento (sem atrasos).

Nosso compromisso com a educação pública não nos deixa recuar diante das reais ameaças que vivemos no Brasil, tendo em vista sucessivos cortes orçamentários e discurso público de ataque à ciência e às universidades públicas.

Vamos resistir. O PET Práxis tem em sua história muitos momentos delicados, mas se renovou e segue como um espaço que não pertence a ninguém, mas é de todas e todos que buscam na Educação Popular um caminho possível para caminhar. Que venham muitas mais décadas de aprendizagens e que, ao olhar para nossa contribuição possível, tenhamos a certeza de que o nosso trabalho seguirá naquelas e naqueles que virão.

Referências

LOUREIRO, C. W.; PEREIRA, T. I. Seria possível uma epistemologia freireana decolonial? Da “Cultura do silêncio” ao “Dizer a sua palavra”. **Roteiro**, Joaçaba, v. 44, n. 3, p. 1-18, set./dez. 2019.

PACHECO, J. **Inovar é assumir um compromisso ético com a educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

ZAMBON, S. B.; PEREIRA, T. I. Registros e Memórias do PET Práxis. In: FERREIRA, E. D.; STARIKOFF, K. R.; GÜLLICH, R. I da C. (Orgs.). **As experiências formativas do Programa de Educação Tutorial na Universidade Federal da Fronteira Sul.** Bagé: Faith, 2019, p. 283-292.

Grupo de estudos: a incompletude do ser, a curiosidade e o ato de pensar certo

Alex Dos Santos[6]
Gabriela Carla Sychocki[7]

O Grupo Práxis – PET Conexões de Saberes, que iniciou seus trabalhos em 2010 na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), tem como umas de suas principais ações estruturantes o Grupo de Estudos, que traz contribuições em debates abstratos, componentes que desenvolvem o processo de ensino-aprendizagem, incentivo a análises críticas e formações acadêmicas. No Grupo de Estudos, compartilhamos experiências, concepções, reflexões e textos temáticos, e tudo isso em um processo de construção de conhecimento coletivo.

O Grupo de Estudos do PET Práxis foi objeto de análise por Oliveira (2017) e Santos e Iung (2019), que refletiram a partir de sua condição de bolsistas do Programa. A metodologia e a organização do grupo de estudos têm íntegra liberdade para se construir na coletividade do Grupo, no início de cada ano. A discussão teórica que serviu como base para este capítulo apresenta-se em um relatório[8]. Cada capítulo do livro foi dividido em duplas, assim cada dupla animou o debate. As duplas são responsáveis por fazer uma síntese do seu respectivo capítulo, o que resultou em um relatório final para, assim, ficar mais organizado o trabalho do Grupo.

De outubro de 2019 a maio de 2020, o Grupo debateu o livro a *Pedagogia Do Compromisso*, de Paulo Freire. Foi algo inusitado sair de um ano letivo considerado normal (2019) e começar um novo ano letivo (2020) com uma pandemia. O Grupo teve que

6 Estudante de Licenciatura em Filosofia e Bolsista do Grupo PET Práxis/Licenciaturas, modalidade Conexões de Saberes da UFFS Campus Erechim (FNDE).

7 Estudante de Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo – Ciências da Natureza e Bolsista do Grupo PET Práxis/Licenciaturas, modalidade Conexões de Saberes da UFFS Campus Erechim (FNDE).

8 Relatório organizado em 2020, pelas bolsistas Jenifer de Aguiar Ramos e Kalinka Iung. Disponível em: <https://petconexoesdesaberes-uffs.blogspot.com/2020/06/relatorio-pedagogia-do-compromisso.html>. Acesso em: 18 out 2020.

se adaptar à nova realidade do coronavírus. Encerramos o debate do livro de forma remota, seguindo as orientações da OMS. A fase de adaptação foi algo turbulento, pois nem todos(as) os e as bolsistas tinham um bom acesso à Internet ou às ferramentas necessárias.

Este capítulo discorre sobre alguns aspectos que o autor (Paulo Freire) abordou no decorrer do livro, como: a incompletude do ser, a educação como uma especificidade humana, a curiosidade, o processo de aprendizagem e o ato de "pensar certo".

Da incompletude do ser à curiosidade de conhecer

Quando pensamos em estudar, conhecer as coisas, descobrir o mundo e seus desafios, chegamos à conclusão de que o conhecimento é algo essencial em nossas vidas, e a educação é uma das formas de alcançar essa dimensão que é o conhecimento. A educação é uma especificidade humana, pois o homem e a mulher são seres históricos, são seres incompletos, inacabados ou inconclusos. Flores e quaisquer outros tipos de espécies também são incompletos, porém, em algum ponto da história, nós, seres humanos, fomos capazes de exercer algo além de apenas viver (FREIRE, 2018).

Podemos dizer que criamos a "existência humana" e "(...) nos pusemos de pé, liberamos as mãos, e a liberação das mãos é, em grande parte, responsável pelo que somos" (FREIRE, 2018, p. 26). Com as "mãos libertas", criamos diversas coisas: sociedades, literatura, arte, linguagem, automóveis, aviões etc. Contudo, entre esses processos, conseguimos compreender que somos interminados, inconclusos e incompletos.

O ser humano tem consciência de que é inacabado, e aqui surge a possibilidade da educação (FREIRE, 2018). O ser humano tem a consciência da sua incompletude. Paulo Freire afirma que: "a consciência da nossa incompletude criou o que chamamos de 'educabilidade do ser'" (FREIRE, 2018, p. 26). E, nessa conjuntura, a educação se apresenta como uma contingência da compreensão da incompletude do ser.

Conseguimos captar a função intrínseca da educação que, em suma, se apresenta como uma casualidade que explica a compreensão da incompletude do ser. Ainda assim, um grande aliado ou quiçá o de maior importância para o funcionamento da educação é a curiosidade, pois, sem ela, não seria possível a educação, o desenvolvimento e a evolução dos seres humanos.

Um fato vigente é que, muito antes de os seres humanos conseguirem ler e escrever, já estavam interagindo, aprendendo sobre o mundo, tentando compreendê-lo. Um exemplo sobre as diversas tentativas dos seres humanos de compreender o mundo é a criação de mitos e lendas. Paulo Freire exemplifica que: "Essa capacidade de captar a objetividade do mundo provém de uma característica da experiência vital que nós chamamos de 'curiosidade'" (FREIRE, 2018, p.27). E a grande

complexidade é que sem a curiosidade não estaríamos atualmente aqui. Freire ressalta a sua importância:

A curiosidade é, junto com a consciência da incompletude, o motor essencial do conhecimento. Se não fosse pela curiosidade, não aprenderíamos. A curiosidade nos empurra, nos motiva a desvelar a realidade através da ação. Curiosidade e ação se relacionam e produzem diferentes momentos e níveis de curiosidade (FREIRE, 2018, p. 27).

A curiosidade é o motor do conhecimento, o motor da vida. A vida sem a curiosidade ficaria à mercê de um acaso em que não conseguiríamos ver perspectivas para acreditar no mundo, acreditar em ações. Não teríamos gatilhos para tentar compreender os arredores. Por um lado mais emocional, é válido dizer que sem a curiosidade não existiria o amor.

Isso mostra que a construção do conhecimento parte da curiosidade, e os seres humanos se reconhecem como pessoas inacabadas e, ao se reconhecerem como tal, entram em um processo de permanente busca.

Sabemos que uma flor também é inacabada. Nesse ínterim, somos até vinte vezes mais inacabados, visto que sabemos que somos inacabados. A consequência disso é uma eterna busca, uma busca que permita alcançar o transcendental, óbvio, uma busca intelectual, uma procura entorno da sua curiosidade, o simples fato de poder buscar, mesmo que não encontre.

O processo de aprendizagem na busca pelo "pensar certo"

A "Educação Bancária" (tradicional) foi e ainda é muito utilizada atualmente, mas é uma maneira de educar muito fria e rígida, na qual não existe amor e sentido na arte de ensinar e aprender. Os educandos e as educandas são uma espécie de depósito, onde os educadores e as educadoras inserem o conteúdo.

Paulo Freire nos provoca: seria essa a maneira correta de ensinar e aprender? E a resposta para essa pergunta é que não se aprende decorando e não se ensina sem paciência, dedicação e amor.

A Educação Popular surge como resposta para essa educação sem sentido, na qual os e as estudantes são como máquinas. Por outro lado, "o ato de aprender, casado com o ato de ensinar, se prolonga no ato de conhecer" (FREIRE, 2018, p. 70). E, para conhecer as coisas, é necessária a presença da curiosidade para questionar, pesquisar e dialogar.

Com a curiosidade, vem algo de extrema importância para quem está começando a conhecer as coisas, que é a imaginação, uma vez que, "no ensino, a imaginação se faz com o diálogo" (FREIRE, 2018, p. 76). Uma questão importante sobre a

qual todos os educadores e todas as educadoras devem refletir é: até que ponto devo e posso provocar a curiosidade do(a) estudante?

A exemplificação é algo que deve e pode ser muito utilizado em sala de aula, pois é uma forma que facilita a compreensão dos e das discentes. Com a curiosidade, os(as) discentes vão ficar instigados(as) a procurar saber mais, relacionando os conteúdos com o cotidiano e desenvolvendo sua imaginação.

O "pensar certo" só é possível quando os e as discentes aprendem a questionar e a compreender seu real significado como sujeitos históricos. Aprendem a pensar em uma dimensão crítica, relacional, aberta, plural e em movimento.

A escola e o processo de aprendizagem têm um papel fundamental na vida das pessoas para a compreensão de/do mundo, assim como na formação de sujeitos capazes de transformar a sociedade em que vivem.

Considerações finais

O Grupo de Estudos trouxe grande contribuição para a compreensão de uma assimilação dos conceitos trabalhado por Paulo Freire em *Pedagogia do Compromisso*, buscando o entendimento do ser incompleto e sua eterna busca por significado na existência e, assim, criando a possibilidade da educação, visto que a educação tende a dar a viabilidade da educação do ser.

De nada seria a educação sem a curiosidade, considerando que ela "realiza" o mundo. A curiosidade move as pessoas e faz a educação ser algo possível. Somos seres curiosos, e esse fato torna a curiosidade algo inerente à educação. O mundo sem curiosidade seria um mundo sem conhecimento, e um mundo sem conhecimento nos fornece uma educação sem conhecimento, ou seja: a educação tem a necessidade de caminhar ao lado da curiosidade. Entretanto, a educação libertadora e emancipatória se apresenta com muitos vieses e obstáculos.

Um desses obstáculos é a Educação Bancária que ainda é algo muito utilizado hoje em dia, na qual a educação, conforme já destacado, se torna algo insensível e ímpio, pensando nos educandos e educandas como um ordinário(a) depósito, em que os educadores e educadoras apenas depositam os conteúdos.

Uma alternativa à Educação Bancária é a Educação Popular. Uma educação que respeita o contexto em que os sujeitos estão inseridos, permitindo que eles aprendam de acordo com a realidade em que vivem.

A Educação Bancária se baseia na memorização mecânica, fazendo, assim, o que Freire chama de "pensar errado". Já a Educação Popular se baseia no "pensar certo", no qual os educandos e as educandas pesquisam, debatem acerca da realidade, tornando-se os sujeitos críticos que o capitalismo tanto teme.

Referências

FREIRE, P. **Pedagogia do compromisso**: América Latina e educação popular. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2018.

GRUPO PRÁXIS – PET/CONEXÕES DE SABERES. **RELATÓRIO "PEDAGOGIA DO COMPROMISSO: AMÉRICA LATINA E EDUCAÇÃO POPULAR" – PAULO FREIRE**. Disponível em: https://petconexoesdesaberes-uffs.blogspot.com/2020/06/relatorio-pedagogia-do-compromisso.html. Acesso em 13 out. 2020.

OLIVEIRA, M. F. de. Grupo de estudos: reflexões acerca das classes populares na universidade. In: PEREIRA, T. I. (Org.). **Educação tutorial no norte gaúcho**: conexões entre ensino, pesquisa e extensão. Porto Alegre: CirKula, 2017, p. 45-52.

SANTOS, F. A. M. dos; IUNG, K. K. N. Grupo de estudos: um instrumento potencializador na formação da consciência humana. In: FERREIRA, E. D.; STARIKOFF, K. R.; GÜLLICH, R. I da C. (Orgs.). **As experiências formativas do Programa de Educação Tutorial na Universidade Federal da Fronteira Sul**. Bagé: Faith, 2019, p. 267-273.

Quero entrar na UFFS: articulação entre as escolas públicas de Ensino Médio de Erechim e região e a Universidade Federal da Fronteira Sul

Ana Paula Bertuol[9]

Jenifer de Aguiar Ramos[10]

O Grupo Práxis – PET Conexões de Saberes dentro de suas atividades, no eixo extensão, realiza anualmente o ***Quero Entrar na UFFS***. Desde 2011, são realizadas oficinas nas escolas públicas de Ensino Médio, pertencentes à 15ª Coordenadoria Regional da Educação (CRE). Entretanto, foi no ano de 2016 que o programa passou a exercer uma nova metodologia de trabalho, fazendo o movimento contrário: trazendo as escolas para a universidade e, desse modo, fazendo com que as e os estudantes se aproximassem desse espaço público.

A Universidade deve apresentar-se ativa, um local de produção e difusão de conhecimento, de ciência, de cultura, e é nesse mesmo espaço que pensamentos são (des)construídos e moldados. Conscientizar-se disso é parte muito importante para obter consciência do valor e da responsabilidade social que existe nos determinados e diferentes espaços de trabalho.

É possível observar graves problemas de adaptação social da(o) educanda(o) que, por um lado, sente a necessidade cada vez maior de se tornar uma pessoa crítica e transformadora e, por outro, sente-se perdida(o) com a quantidade de informações que recebe sobre as opções para a formação continuada. Esses e outros fatores dificultam ou até impedem a escolha, por parte da(o) estudante, do caminho a seguir, na busca por uma formação mais adequada para seu tempo, principalmente se levarmos em conta a idade das(os) discentes e o perfil educacional que tem sido dado atualmente a essas pessoas do Ensino Médio. Para compreender melhor os problemas e enxergar de forma mais ampla fatores que

9 Estudante de Licenciatura em História e Bolsista do Grupo PET Práxis/Licenciaturas, modalidade Conexões de Saberes da UFFS Campus Erechim (FNDE).

10 Estudante de Licenciatura em História e Bolsista do Grupo PET Práxis/Licenciaturas, modalidade Conexões de Saberes da UFFS Campus Erechim (FNDE).

afetam a escolha em relação a um curso superior ou técnico por parte das(os) estudantes, principalmente do Ensino Médio, uma boa fundamentação a respeito das opções da formação continuada e da atual conjuntura educacional brasileira, e mesmo do local onde vivem, se faz muito urgente e necessária.

O evento realizado pelo Grupo PET Práxis traz elementos que possibilitam enxergar significados e estratégias de ação que servem como eixo delineador no processo de orientação pedagógica aos sujeitos para suas escolhas profissionais e tem gerado a possibilidade de sua reflexão e aprimoramento por parte do próprio grupo de bolsistas (MARCON; NASCIMENTO, 2017; SZAST; KORALEWSKI; FIANCO, 2019).

Nos vários estudos referentes a essas(es) estudantes que ingressam na Educação Superior, constata-se que, de fato, muitas(os) concluem o Ensino Médio com diversas dificuldades ao longo da Educação Básica. Pode-se usar como exemplo a área de Ciências Exatas, na qual, segundo Malacarne (2007), é possível observar que o mercado de trabalho está cada vez mais amplo, com vagas nas empresas e no ensino.

Cabe aqui lembrar que a defasagem e o descompasso são grandes em todas as áreas de formação, sendo o curso citado apenas um exemplo. Um dos desafios de quem educa, além de usar metodologias estimulantes, é trabalhar com estudantes do Ensino Médio todo o contexto sociopolítico por meio do qual seja possível compreender e questionar o porquê de até hoje a escola estar tão distante de uma educação crítica.

Quem está diariamente no convívio com essas(es) adolescentes percebe a cobiça de conhecimentos que a maioria possui e muitas vezes não consegue atingir devido à má estruturação curricular ou mesmo falta de fundamentação para lidar com essas questões. Sabe-se que a educação superior se reorganiza em grande medida segundo a lógica do capital e do controle rígido do Estado (SGUISSARDI, 2000) e que este, por sua vez, se reorganiza segundo a lógica privada – mundialização do capital. Assim, é fundamental levar as(os) secundaristas, potenciais ingressantes à Educação Superior, o conhecimento da realidade ideológica em que estão inseridas(os) e as várias maneiras de atuar nesse contexto.

Cabe aqui ressaltar o problema da falta de letramento em grande parte de quem está concluindo do Ensino Médio hoje. Tendo em vista a importância de escolher a profissão a seguir, a(o) adolescente sofre grandes influências dos familiares, que, com as melhores intenções, acabam influenciando suas escolhas.

Assim, nessa fase, ao mesmo tempo em que está tentando entender o mundo e construir a própria vida, a(o) jovem tem que escolher um caminho que pode determinar toda a sua existência (VELLOSO; MARTÃO, 2002). Em meio a toda essa turbulência e inquietação, a(o) jovem também é influenciada(o) por outros fatores, como busca por melhores salários. Também há quem tenha sonhos de infância que dão a muitos, precocemente, a certeza de uma vocação (o que, às vezes, percebe-se como equívoco depois de ingressar na universidade).

A e o estudante necessitam sair do Ensino Médio com a consciência do mergulho que deverá fazer na Educação Superior: participar das aulas, discutir com discentes e colegas de estudos, conhecer a universidade, outros centros de estudo, laboratórios, áreas de lazer, participar de diretórios acadêmicos, frequentar palestras e cursos extracurriculares, estudar outras línguas, ter hábito de leitura, trabalhar em grupos de pesquisa, ensino e extensão. Fazendo um paralelo com todo esse contexto e construindo pontes acima disso, deu-se início, em 2011, ao projeto ***Quero Entrar na UFFS***. O evento busca apresentar às e aos estudantes do Ensino Médio e da EJA (Educação de Jovens e Adultos) a estrutura e os meios de adentrar em uma universidade. Por atender à comunidade externa, suas características são de ações extensionistas e, diante disso, apresenta variadas mudanças metodológicas significativas em um projeto que busca divulgar uma universidade pública e de qualidade, sobretudo a Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) *Campus* Erechim, localizada na região do Alto Uruguai gaúcho.

De maio a junho de 2011, iniciou-se a primeira versão do evento ***Quero Entrar na UFFS***. Levando em consideração que a Universidade possuía apenas um ano desde a sua formação e ainda não tinha um *Campus* próprio, as e os bolsistas observaram que a melhor maneira de colocar a atividade em prática e compartilhar informações e debates com as e os secundaristas seria indo de forma presencial até as escolas de Erechim e região, para divulgar, conscientizar, informar e orientar as pessoas presentes ali sobre políticas de acesso, bolsas e auxílios.

Para que isso ocorresse de forma mais dinâmica, as e os bolsistas contavam suas próprias experiências de vida, sempre frisando que eram estudantes de origem popular e que mantiveram seus estudos no ensino público. Esse formato, de forma exclusiva, deixou de ser colocado em prática no ano de 2015.

A primeira mudança no formato do ***Quero Entrar na UFFS*** ocorreu logo em seguida, no ano de 2016, e essa necessidade de mudança ocorreu após a inauguração da estrutura da UFFS. Passou-se, então, além de incentivar o ingresso nas universidades públicas, também a mostrar sua estrutura física, seus laboratórios, salas de aula, vivência universitária, tornando-se, dessa maneira, ainda mais palpável para a realidade dessas(es) estudantes.

A nova metodologia aplicada consistia em receber os e as estudantes no próprio espaço universitário, criando uma recepção no saguão, possuindo uma abertura dentro do auditório, dando boas-vindas. Em seguida, apresenta-se as(os) bolsistas do Programa, que contam seu lugar de origem, e, também para fomentar a importâncias das ações afirmativas da universidade, há uma apresentação das políticas de acesso, de permanência, seleções e processos seletivos. No segundo momento, apresenta-se a estrutura física do ambiente e finaliza-se com as visitas aos estandes dos cursos de graduação ofertados no *Campus* Erechim.

A mudança mais recente, ocorrida em 2020, foi a mais extensa e engenhosa. Com a rápida disseminação da pandemia do (novo) coronavírus, foram forçadas ações imediatas e mudanças profundas, fazendo com que diversos grupos da sociedade tivessem que se adaptar em um curto espaço de tempo à nova rotina. Nesse cenário de instabilidades, surgem inovações e, driblando problemas que surgem, o Grupo PET Práxis usou a criatividade para manter as e os estudantes em contato com a universidade e com o meio escolar, mesmo à distância.

Para muito além dos Grupos de Estudos, os eventos que sempre aconteceram de forma presencial sofreram mudanças, e um deles foi o ***Quero Entrar na UFFS***. O PET Práxis optou por não cancelar o evento, levando em consideração a grande importância que ele carrega consigo. Portanto, apenas seu formato foi modificado.

É de extrema importância refletir sobre os efeitos da pandemia na vida prática, emocional e espiritual, pois a pandemia e a quarentena se posicionam hoje como verdadeiros fenômenos indutores do pensamento crítico. Colocando em xeque costumes impostos há décadas, a crise sanitária generalizada revela que, independentemente de quão enraizados ou incontestáveis se apresentem os hábitos de uma sociedade, nenhum deles parece se perpetuar quando visto como incompatível com o bem comum – "A elasticidade do social", nas palavras de Boaventura de Sousa Santos.

Surgem de súbito brotos de verdadeiros programas de renda "universal" em torno do globo, um dos mais abomináveis inimigos da meritocracia capitalista. Repentinamente, a vida em sociedade não mais se limita à atividade produtiva como razão prima de sua existência. Redescobrem-se valores humanos; pensa-se, talvez, em solidariedade; volta-se finalmente à memória coletiva a existência de outras esferas sociais que não a econômica. Em outras palavras, questiona-se o modo de viver econômico.

Em meio à imersão dos sujeitos das mídias digitais nesse ambiente em que a circulação de informação provoca uma constante necessidade de atualização e consumo de conteúdo, pode-se observar uma série de questões emergentes nesse cenário. A partir do suporte técnico-midiático disponibilizado pelo site YouTube, esse indivíduo encontra suporte para realizar circulação de conteúdo verbal e imagético, gerando, dessa maneira, circulação de informação entre usuárias(os) dessa mídia social, não tendo nela o limite para o alcance da mensagem, uma vez que, atualmente, as redes sociais se estendem pelas diversas mídias sociais disponibilizadas.

O material audiovisual do YouTube apresenta relação com quem o usa tanto no discurso visual quanto no discurso verbal, o que apresenta novas maneiras de pensar a produção em vídeos ***online***, especialmente nesse site de compartilhamento de conteúdo audiovisual e, consequentemente, no engajamento, que é chave importante na formação de redes, conversação e conteúdo, assim como na formação da relação entre quem produz e quem consome.No momento atual, a produção de vídeos, a distribuição e o consumo do conteúdo na internet reconfiguram a usabilidade da informação.

Para tentar se aproximar ao máximo do evento que aconteceria de forma presencial e fazer com que as e os estudantes do Ensino Médio se interessassem pela universidade e quisessem dar continuidade aos estudos, foram construídas pontes para realizar essa abordagem. Por meio de vídeos que foram compartilhados nas redes sociais do Grupo – blog, Facebook e Instagram –, as e os bolsistas do Programa dialogam a respeito dos seguintes eixos: "O que é uma universidade federal? O que é o PET? O que é o 'Quero Entrar na UFFS?'", "Como ingressar na UFFS – Assistência Estudantil?", "Bolsas?", "Estrutura da UFFS Erechim", "Pós-graduação" e "Quais são os cursos de graduação oferecidos pela UFFS Erechim?".

Ainda, a questão da acessibilidade não ficou de fora do evento. As discussões em torno da acessibilidade e dos direitos da pessoa com deficiência vêm ganhando corpo em todo o mundo, mas especialmente no cenário nacional, nos últimos anos, com a aprovação da lei 10.436 de 24 de abril de 2002, que reconheceu a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como o idioma de pessoas surdas e o segundo oficial do Brasil, e da lei 13.146, de 06 de julho de 2015, conhecida como o Estatuto da Pessoa com Deficiência, que reafirma a acessibilidade como um direito do povo e a eliminação de barreiras, entre outros aspectos, à informação e à comunicação, como um dever do Estado.

Para que fosse alcançado um número maior de pessoas, fazendo com que elas se sentissem contempladas com os vídeos e o evento em si, a intérprete de Libras da UFFS *Campus* Erechim aceitou o convite para realizar um "Quero Entrar na UFFS Virtual versão Libras" e fez a tradução de todos os vídeos, contribuindo para a inclusão de pessoas surdas nos diferentes espaços.

De maneira geral, pode-se perceber que a proposta do canal refletiu as discussões sobre a importância de disponibilização de recursos acessíveis para indivíduos surdos, bem como de ampliação de sua participação na sociedade, tendo suas necessidades e demandas comunicacionais reconhecidas e consideradas no processo de produção de informações. Frente a essa exibição, acredita-se que a experiência refletiu um tema atual e importante para o campo da comunicação, que pode ser explorado por quem produz conteúdos digitais para aumentar a oferta de produtos comunicacionais acessíveis e de qualidade.

Para além disso e também para tentar se aproximar ao máximo do evento presencial, pensou-se em alguma maneira de permanecer divulgando e expondo os estandes específicos de cada curso – Agronomia, Arquitetura e Urbanismo, Ciências Sociais, Educação do Campo, Engenharia Ambiental e Sanitária, Filosofia, Geografia, História, Pedagogia – presente no *campus.*

Em muitos casos, existe a necessidade de um espaço para poder interagir com atuais e potenciais estudantes. Por isso, esse espaço deve ser pensado de maneira estratégica para que a pessoa se interesse pelo que está sendo transmitido e para que essa aproximação e interesse continuem a despertar. Para que isso ganhasse

visibilidade, foram gravados vídeos com as(os) próprias(os) estudantes de cada curso, falando de forma breve sobre como é a experiência dentro dele, possibilitando uma interação e uma participação muito maior e mais dinâmica.

Ademais, foi publicado um vídeo desenvolvendo aspectos dos programas de pós-graduação presentes na universidade – Programa de Pós-graduação Profissional em Educação, Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas –, abrangendo um pequeno debate em termos da urgência e da importância de obter uma produção de pesquisa qualificada.

Ainda contamos com a participação do diretor do *Campus* UFFS Erechim para desenvolver de forma breve quais cursos estão presentes ali. Ao falar em processo de gestão democrática, é abordada naturalmente a questão da participação e do trabalho coletivo. Dessa forma, a comunicação do nosso diretor tornou-se uma importante interlocução para os interesses dos cursos pelos quais é responsável e da própria instituição, de maneira geral.

Contudo, a quebra de paradigmas e a superação de conceitos ultrapassados precisam ser uma constante, assim como a reflexão sobre as diversas posições antagônicas que se apresentam no cotidiano da escola. Há um novo perfil de aluna(o) nas escolas: quem compreende que não basta estar passiva(o) em sala de aula, mas sim participativa(o), argumentando e dominando os conteúdos científicos para fazer parte deste mundo em constantes transformações. Essa transformação vem do diálogo, da demonstração e da confiança que se deve criar entre docentes e discentes nesse processo árduo que é a educação.

Sendo assim, ainda se acredita na educação como principal meio para ascender, apesar de todas as contradições sociais. Nessa perspectiva, é possível às e aos professoras e professores ajudar no processo de orientação voltado à continuidade dos estudos de alunas(os) do Ensino Médio. O *Quero Entrar na UFFS* auxilia essas professoras e esses professores na construção da esperança para essas(es) jovens, mostrando que, independentemente de sua colocação social, o ambiente universitário também lhes pertence, se assim almejam.

Referências

MALACARNE, V. et al. A escolha profissional e Ensino Superior: uma experiência a partir da educação de jovens e adultos. In. **Anais da XIX Semana de Educação**. Cascavel, 2007.

MARCON, C.; NASCIMENTO, E. da S. do. A universidade na e com a escola: o "Quero entrar na UFFS". In: PEREIRA, T. I. (Org.). **Educação tutorial no norte gaúcho**: conexões entre ensino, pesquisa e extensão. Porto Alegre: CirKula, 2017, p. 23-27.

SGUISSARDI, V. **Educação superior**: velhos e novos desafios. São Paulo: Xamã, 2000.

SZAST, B. L.; KORALEWSKI, R.; FIANCO, T. G. Há uma universidade no meio do caminho? In: FERREIRA, E. D.; STARIKOFF, K. R.; GÜLLICH, R. I da C. (Orgs.). **As experiências formativas do Programa de Educação Tutorial na Universidade Federal da Fronteira Sul**. Bagé: Faith, 2019, p. 275-282.

VELLOSO, P; MARTÃO, W. **Guia das profissões**. São Paulo: UNESP, 2002.

Dez anos de diálogos do PET Práxis Conexões de Saberes: transição do PET em Debate para o PET em Movimento

Fatima Aparecida Mendes Dos Santos[11]

Milena Stefeni[12]

Este capítulo tem como objetivo apresentar um dos projetos que, no decorrer destes dez anos de Programa Tutorial, executa a difícil tarefa de articular ensino, pesquisa e extensão, que, para além de serem o tripé universitário, são também os pilares que dão sustentação ao Programa de Educação Tutorial como um todo. Portanto, podemos considerar que esse é um dos projetos mais consolidados no grupo PET Práxis Conexões de Saberes, na Universidade Federal da Fronteira Sul *Campus* Erechim.

No ano de 2014, o grupo lançava sua primeira versão do PET em Debate, ainda no antigo espaço do Seminário de Nossa Senhora de Fátima, cedido para o ***Campus*** da Universidade, até que o espaço físico de nossa instituição fosse construído. Consideramos importante relembrar o prefácio do livro "PET em Debate: diálogos sobre educação e docência" (2017), redigido pelo então diretor do *Campus* Erechim, Prof. Dr. Anderson A. G. Alves Ribeiro, que na oportunidade fez menção à importância dessa atividade desenvolvida pelo Grupo, considerada fundamental para a constituição da UFFS, sendo que esta se propõe a ser pública, popular e de qualidade.

A trajetória

O Programa de Educação Tutorial no *Campus* Erechim teve suas primeiras atividades no mês de dezembro do ano de 2010. Portanto, há dez anos vem sendo constituído

11 Estudante de Licenciatura em Ciências Sociais e Bolsista do Grupo PET Práxis/Licenciaturas, modalidade Conexões de Saberes da UFFS Campus Erechim (FNDE).

12 Estudante de Licenciatura em História e Bolsista do Grupo PET Práxis/Licenciaturas, modalidade Conexões de Saberes da UFFS Campus Erechim (FNDE).

por meio de debates, reflexões e ações – sempre embasados na temática da Educação Popular. E, para tanto, estamos sempre em busca de maneiras por meio das quais possamos contribuir para a melhoria de sujeitos, para que estes sim possam modificar as relações do seu meio.

Assim como tudo na vida, foram necessários alguns anos para que o projeto do PET EM DEBATE saísse do imaginário e fosse concretizado em eventos de natureza com a qual estamos acostumadas(os) a presenciar nos auditórios da nossa universidade. No ano de 2014, então, tivemos o nosso primeiro PET EM DEBATE, com os seguintes objetivos:

a) Construir um espaço amplo de diálogo com a comunidade universitária, procurando discutir temas relevantes em termos normativos, discursivos e políticos da universidade, que busca ser pública e popular; *b)* compartilhar as perspectivas teóricas do campo da Educação Popular sobre o tema da docência; *c)* estabelecer parcerias com outros grupos de pesquisa e extensão da UFFS, bem como com escolas, universidades e movimentos sociais; *d)* destacar o tema da Licenciatura e da docência na educação básica; *e)* ratificar o grupo PET Práxis – licenciaturas como fomentador de atividades formativas no âmbito da comunidade universitária, contribuindo para a melhoria dos cursos de graduação da instituição (PEREIRA, 2017, p.17).

De acordo com os objetivos resgatados por Pereira (2017), é possível percebermos o quão desafiador é a realização de propostas de intervenção como as que PET EM DEBATE tem se proposto a elaborar em conjunto tanto com esse público que nos acolhe quanto com aqueles que nem sempre participam, por causa dos mais variados motivos.

É importante dizer que, com todos os percalços que existiram e existem para a realização de tais propostas – para sermos fieis à realidade, já que nem tudo são flores –, uma vez tomada a decisão de certo tema, um mundo de possibilidades fica também para outros momentos, e esses outros possíveis temas podem ou não ser realizados com o decorrer do tempo.

A escolha dos horários para a realização das atividades é um ponto que acreditamos, desde o início das atividades do programa, ser uma preocupação dos diferentes grupos que já passaram pelo programa, considerando que a formulação de um grupo está em constante transformação. Estamos conscientes de que a tomada de decisão por fazer as atividades durante a noite ou o dia levam à exclusão um público ou outro. Se optarmos pela realização dos diálogos durante o dia, a classe trabalhadora fica fora dessas atividades. Realizando as atividades à noite, estudantes que são bolsistas e que estariam na Universidade durante a noite também são contemplados.

Todo esse debate tem o objetivo de explicitar que, desde a formulação dessa atividade, o Grupo tem, por inúmeras vezes, manifestada sua opção política. É um ato político decidir que estudantes pertencentes à classe trabalhadora devam acessar certos

debates, assim como é um ato político, também, optar faltar a uma aula para participar de uma atividade oferecida por um grupo que é composto também por bolsistas.

Como surgem as temáticas?

Este é o momento em que vocês agora devem estar se perguntando: baseando-se em que os(as) bolsistas do Grupo decidem que vai ser este ou aquele tema? Não, definitivamente, isso não acontece de forma aleatória, nem por sorteio. Devemos deixar registrado aqui que a escolha do tema dos PETs EM DEBATEs é fruto de muita organização, pesquisa e planejamento. Como dito por Braciak (2017, p. 53) "[...] as temáticas abordadas vêm ao encontro da necessidade de discutir assuntos de extrema relevância dentro da Universidade e, em especial, da docência".

Embora nestes últimos meses tenhamos ouvido falar em balbúrdia nas universidades, principalmente por *personas* públicas, acreditem, essas atividades são planejadas com um ano de antecedência, já que os Grupos devem realizar o planejamento anual, mensal, semestral e por vezes semanal, caso seja necessário por questões de reorganização.

Sendo assim, o PET EM DEBATE tem sido realizado em sua trajetória, de maneira geral, levando-se em conta discussões, debates e inquietações que os grupos de estudos estejam abordando. Evidentemente, já ocorreram eventos que não tiveram relação direta com as leituras do grupo de estudos, mas, de modo geral, são resultados de debates pertinentes, seja da vida acadêmica, seja da própria sociedade civil.

O que podemos afirmar aqui é que, para realizar um evento dessa magnitude, tão abrangente, são necessários disciplina, estudo, método, pesquisa e comprometimento. Dessa forma, concordamos com Demo (1990), em sua comparação com o ator social e o pesquisador como sendo, ambos, um fenômeno político, independentemente das técnicas aplicadas para obter o resultado da pesquisa; por mais travestida de neutra que aparente ser, tanto mais política será.

As "artes"

Essa definição de artes poderá ser questionada se olhada apenas pelo prisma convencional da definição do que se pode intitular como "arte". Aqui estamos trabalhando com a ideia de criação de algo que chame a atenção das pessoas para aquilo que estamos tentando transmitir.

A criação de uma arte, ou um "slogan", caso prefiram, é uma tarefa não muito fácil de elaborar. Sempre haverá algo que agrade uns e umas e que não agrade a

alguém. É nesse sentido que o debate sobre o que queremos que as pessoas sintam quando vejam essa produção é um tema sempre em alta nestas ações.

Uma arte não deve apenas ser feita por fazer, só para chamar atenção. Certamente, essa característica deve estar presente no resultado, mas é preciso algo a mais, é preciso que seja transmutada nessa produção tudo aquilo que o evento vem a se propor. Como diria Benjamin (1985), é exatamente na questão temporal, o aqui e o agora, que podemos diferir a obra de uma mera cópia. Estamos falando do que seria entendido por ser a aura da arte, que, para nós, é compreendido no sentido que essa arte tem e do seu envolvimento com os diálogos que estamos propondo como grupo.

Por conseguinte, é de se esperar que, a cada modificação do grupo – que o abale de maneira estrutural –, tenhamos modificações na maneira em que se percebe e que se captura essa aura, essa essência das artes, em consonância com o momento histórico em que se está inserido. É justamente por causa dessas modificações que, mais à frente, veremos não somente a modificação da arte, mas o nome, a nomenclatura de forma geral dessa atividade da qual estamos tratando aqui.

Abaixo está a primeira arte confeccionada pelo grupo para a atividade do PET EM DEBATE, que na ocasião foi divulgada pelas(os) estudantes bolsistas que compunham o Grupo, com a temática “O projeto da UFFS e o papel dos movimentos populares”. Lembramos que essa primeira atividade foi desenvolvida ainda no espaço físico do Seminário Nossa Senhora de Fátima e teve como convidados o Prof. Ulisses Pereira de Melo e o Prof. Dirceu Benincá.

A oportunidade de relembrarmos aqui essa temática não se dá apenas à comemoração dos dez anos, mas também ao fato de nos dizer muito sobre os nossos objetivos. Esse movimento de olhar para a história do Programa no *Campus* Erechim é como uma “faca de dois gumes”.

Ao mesmo tempo em que é desafiador, uma vez que não necessariamente vivenciamos essas atividades, é também uma felicitação, por causa desse processo de conhecer de forma aprofundada nosso compromisso com a Educação Popular não só de forma conceitual, mas de forma concreta nas relações do nosso cotidiano. Reafirmar esse compromisso com os movimentos sociais e com a classe trabalhadora é sempre um exercício necessário e importante para que sigamos firmes em nossos objetivos e em nossas bases filosóficas.

Outra arte que teve uma passagem marcante pelo grupo foi esta seguinte, elaborada pelo grupo de bolsistas no ano de 2016. Como citado anteriormente, a arte é uma produção que revela muito além da beleza; é algo subjetivo, mostra as tensões que sujeitos reais e concretos vivenciam.

É importante lembrarmos aqui que este ano foi marcado por muitas lutas políticas e por perdas significativas para a classe trabalhadora no cenário nacional. O PET sempre esteve atento à conjuntura, propondo atividades que contribuam para a formação da consciência de classe, política e humana. No cenário atual, não podia ser diferente.

Este “slogan”/arte nos acompanhou até o ano de 2018. Vários debates e produções foram realizados. Mais uma vez, é necessário ressaltar aqui a importância dessa atividade para todo o Grupo, pois muitas apresentações de trabalhos em eventos, resumos e até mesmo um livro (capa ao lado) são frutos dessa ação.

Dessa forma, a prova contundente que sujeitos pesquisadoras(res) capacitadas(os) podem, de maneira sistematizada e organizada, ser produtivos sem cair no produtivismo que assola a sociedade capitalista da qual estamos mergulhadas(os).

A mudança

É interessante pensarmos na transição de alguma coisa com a qual já estamos acostumadas(os) para algo novo, para algo que, em um primeiro momento, parece substituir aquilo que já estava posto. Em termos populares, ouvimos dizer que “em time que está ganhando, não se mexe!”. Essa é a sensação de quem vivencia essa transição, embora devamos confessar aqui que mudanças, aquelas que vêm para sacudir nossa calmaria, nos fazem um bem danado, não é mesmo?

Foi pensando exatamente nessa “calmaria” que as(os) bolsistas(os) sentiram a necessidade de transformação, com base no contexto que era vivenciado. A ideia de ressignificação do PET EM DEBATE teve seu início em um dos grupos de estudos sobre a temática “Escola sem partido”. Segundo Mendes e Iung (2019, p. 269):

> *O grupo PET-PRÁXIS, viu, portanto, neste cenário, a importância de trazer a temática para se discutir e refletir no grupo de estudos que tem um comprometimento com a ideia de liberdade, de expressão e, nesse sentido, tem sido transmissor neste período de um debate que se faz cerne de discussões recentes na área da educação em âmbito nacional.*

Assim, pretendendo, para além de renomear, continuar pensando nos objetivos e no compromisso firmado com as classes populares, depois de muitas intervenções ao lado dessa proposta, de forma unânime decidiu-se que a próxima atividade do ano de 2018 não mais seria intitulada PET EM DEBATE, e sim **PET em Movimento**.

Agora a arte traz, em sua essência, um pouco do grupo que fez parte desse processo de redefinição de um projeto que não se acaba, mas que se incorpora a esta. Devemos confessar a vocês, leitoras(es), que nos enche de orgulho dizer que fazemos parte deste momento da história em que nós, de maneira subjetiva, assim como as(os) colegas anteriores que se compreendiam como pertencentes às artes do PET EM DEBATE, também nos vemos como partes que compõem a aura dessa arte.

E realmente foi um grande movimento a realização dessa primeira atividade, que teve como temática *Mulheres Negras*. A ideia era não somente dar voz, mas, em uma sociedade desigual e racista como a nossa, também ver espaços de produção de conhecimento serem organizados e apresentados por mulheres negras, o que é um ato de coragem e resistência.

Foram cinco dias extensos e intensos (período de 05 a 09/09/2018) de atividades, mesas-redondas, CinePET e oficinas, com os quais muitos aprendizados foram possíveis. Acreditamos que um dos principais legados desse primeiro evento do PET em Movimento é a força da mulher negra e sua resistência social.

Algumas Considerações

Por fim, gostaríamos de salientar que tanto o PET em DEBATE quanto o PET em Movimento são projetos desenvolvidos por estudantes da graduação das diversas áreas da Licenciatura e que, por causa dessa diversidade, fomentam ações reflexivas críticas que contribuem para a formação da consciência social, política e humana.

A exemplo disso, podemos observar a própria formulação das mesas que compuseram o PET em Movimento Mulheres Negras, que trazem consigo muito da história de luta dessa população invisibilizada pela história oficial. Abordar questões que tratam dessas populações nos proporcionou uma grande renovação ao espírito e à formação de nossa identidade petiana. Fazer parte desse processo e poder contribuir é sempre motivo de orgulho para todas e todos que passam pelo Programa.

Nesse sentido, reiteramos nosso compromisso com a rigorosidade metódica, a práxis freiriana, a educação popular, a tarefa de proporcionar a criação e o desenvolvimento de espaços de diálogo e de reflexões dentro do Grupo e da Universidade

acerca das temáticas apontadas anteriormente, bem como outros temas emergentes que afirmem as classes populares.

Ainda que a caminhada seja longa e árdua, projetos como esses contribuem tanto para a visibilidade do PET quanto para sua valorização, ao mesmo tempo em que fortalecem o vínculo entre academia e comunidade, para além de cooperar com a representatividade das vozes das minorias silenciadas ao longo dos séculos de formação da nossa sociedade brasileira.

Referências

BENJAMIN, W. **Obras escolhidas**: magia e técnica, arte e política. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

BRACIAK, E. A. Diálogos sobre educação: o PET em debate. In: PEREIRA, T. I. (Org.). **Educação Tutorial no norte gaúcho**: conexões entre ensino, pesquisa e extensão. Porto Alegre: Cirkula, 2017, p. 53-60.

DEMO, P. **Pesquisa:** princípio científico e educativo. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1990.

MENDES F. A. S.; IUNG K. K. N. Grupo de estudos: um instrumento potencializador na formação da consciência humana. In: FERREIRA E. D.; STARIKOFF K.R.; GÜLLICH R. I. C. (Orgs). **As experiências formativas do Programa de Educação Tutorial na Universidade Federal da Fronteira Sul.** Bagé, RS: Faith, 2019, p. 267-273.

PEREIRA, T. I. **PET em debate**: diálogos sobre educação e docência. Porto Alegre: Cirkula, 2017.

Travessias: um diálogo necessário entre graduação e pós-graduação

Fatima Aparecida Mendes Dos Santos[13]

Kerolin Kalinka Nunes Iung[14]

Introdução

Este trabalho é resultado da necessidade de se pensar possibilidades futuras na carreira acadêmica, o que fazer após finalizarmos o processo de graduação; estamos formados(as), e agora? Essa é uma dúvida que não cessa, ainda mais se pensarmos e analisarmos a questão do prisma da profissionalização, e foi justamente com esse intuito – não de dar respostas, mas de apontar caminhos possíveis – que se criou no Programa de Educação Tutorial (PET) Grupo Práxis Licenciaturas, Conexões de Saberes – UFFS Erechim, o ***Travessias***.

No ano de 2017, durante os meses de setembro e outubro, foram realizadas as oficinas do que viria ser nossa primeira experiência do até então chamado, "CURSO TRAVESSIAS: DEBATE SOBRE A PÓS-GRADUAÇÃO". Nesse primeiro momento, foram organizadas quatro oficinas com diferentes temas ligados à Pós-Graduação, dúvidas em relação à submissão de projetos, diferenciação de *Stricto Sensu* e *Lato Sensu* etc. Acreditamos que seja importante frisar o diferencial dessa proposta em relação às de outros formatos: estamos falando de nossa matriz freireana, que nos embasa e nos sustenta na posição de grupo pertencente a uma classe. Sendo assim, ela é focada no debate da Educação Popular.

---

13 Estudante de Licenciatura em Ciências Sociais e Bolsista do Grupo PET Práxis/Licenciaturas, modalidade Conexões de Saberes da UFFS Campus Erechim (FNDE).

14 Estudante de Licenciatura em Geografia e Bolsista do Grupo PET Práxis/Licenciaturas, modalidade Conexões de Saberes da UFFS Campus Erechim (FNDE).

Cenário atual da educação

É bem verdade que de 2017 pra cá, 2020, muitas foram as modificações que ocorreram em nosso país. Dizemos isso com uma certa lástima, uma vez que a construção da Universidade Federal da Fronteira Sul ocorreu em um momento em que parecíamos estar avançando nas conquistas no que diz respeito à educação. Entretanto, com as eleições de 2018, as perdas em termos de implementação de políticas públicas educacionais foram gigantescas.

No ano de 2019, a nossa universidade, que é muito jovem (completando dez anos), passou por uma situação que, por alguns momentos, deixaram dúvida sobre o futuro da educação pública de ensino superior. Nosso grupo foi testemunha de quanto um projeto político nacional pode, por um lado, investir na construção de vários Institutos Federais e novas universidades e, por outro, também deixá-las à mercê dos governos que o possam suceder.

Foi exatamente o que aconteceu no caso da Universidade Federal da Fronteira Sul, que, sendo filha da luta de organizações sociais, em consonância com um plano de governo progressista no que se refere à educação, passou por essa situação. A legitimidade de um reitor não eleito pelo voto da comunidade acadêmica e sim de um representante que serve ao modelo de desmonte da Educação Superior pública não é apenas uma queda de braço do ponto de vista microestrutural, e sim sinais que nossas instituições se encontram ameaçadas de maneira macroestruturais.

Essas fissuras que começamos a perceber, ainda que localizadas, foram e continuam sendo sinais para nos atentarmos ao modelo defasado de organização da sociedade, seja na área da Educação Básica, seja na Superior. Sinais que precisamos estar dispostos a olhar e interpretar para propor mudanças, por menores que sejam.

É importante deixar citado aqui que o projeto Travessias, proposto pelo Grupo PET Conexões de Saberes, tem intencionado pensar maneiras de diálogo sobre a Pós-Graduação de modo que venha a romper com a ideia de capital humano, da qual, de forma genérica, podemos tratar aqui como uma forma mercantilizada de olhar esse processo de formação.

Nosso objetivo é ir para além da lógica mercadológica que o modelo societário em que estamos inseridos nos propõe, como fórmula única de olhar para a profissionalização da educação. Estamos nos propondo a desmistificar essa ideia, mostrando que sim, é possível olhar para a formação de sujeitos completos e complexos. Completos, pois são de carne e osso, cheios de sonhos e desilusões, amores e ódios; complexos porque são mais que isso, são materialidade e abstrações.

Sendo materialidades, somos a necessidade do trabalho como forma de sobrevivência, e é aqui que nos propomos a superar análises fechadas, porque fomos historicamente ensinados(as) a olhar para a educação como um trabalho que não

produz e, consequentemente, apresenta menor necessidade de investimento. Frigoto (2010) nos auxilia a compreender melhor esse processo de desvalorização da educação, e isso não vale apenas para pensarmos em nosso cenário nacional, mas de forma global.

Sendo assim, nós, bolsistas do PET, nos enxergamos como sujeitos capazes de contribuir para essa mudança socioestrutural, e ser sujeito do processo requer, para além de vontade, responsabilidade e planejamento, assim como avaliação das atividades que estão sendo desenvolvidas das que deixaram de ser feitas; também é um atributo que devemos incorporar.

Concordamos com um dos grandes sociólogos brasileiros que foi (e ainda é) Florestan Fernandes, quando nos diz que as atividades teóricas-práticas a ***intelligentsia*** só podem ser levadas adiante se estiverem inseridas na luta do povo trabalhador e que, para tanto, há de se propor um novo tipo de intelectual. Leher (2018) ainda complementa lançando para nós, instituições universitárias, a importância de desenvolver atividades acadêmicas que possam explicitar as contradições do modelo de modernização conservador que nos propõe de cima para baixo, de forma verticalizada, uma forma de educacão.

Novas alternativas 2020

Tendo em vista a pandemia do novo coronavírus (covid-19), neste ano de 2020, e o distanciamento social, extremamente necessário, algumas mudanças e alternativas tiveram de ser elaboradas, com a intenção de que o evento aconteça da forma mais segura possível, preservando a saúde das(os) participantes.

Nesse contexto pandêmico, o uso das redes sociais e de novas tecnologias mostra-se fundamental para a realização de eventos, assim como uma alternativa para socialização, pois o isolamento e o distanciamento social são de fundamental importância, contudo, isso não significa que devamos ficar distantes de todas as formas. Essas tecnologias nos mantêm perto, mesmo que longe fisicamente.

Nesse momento, você leitor e/ou leitora nos questiona: então por que não adiar ou cancelar oevento? Acreditamos ser necessário manter a atividade ***Travessias***, pois a pandemia, mais do que um risco à saúde física, também se mostra como risco à saúde mental de todas e todos que estão em isolamento social. Portanto, percebemos a necessidade de manter o evento de forma *online*, visando à troca de experiências, conhecimentos e, de certa forma, ao contato social, nesse novo "normal" que foi imposto a nós.

Cabe salientar que este capítulo está sendo escrito no mês de agosto, e o ***Travessias online*** está previsto para o mês de setembro deste ano. A partir de agora, iremos

apresentar um pouco da ideia e da metodologia que será usada como alternativa ao evento presencial; o final da escrita do presente capítulo será concomitante com o encerramento do evento, o que nos proporciona, neste momento, a possibilidade de expormos o planejamento; e, ao final, há uma reflexão de como se deu a aplicação desse planejamento.

Como já exposto anteriormente, o Travessias 2020 acontecerá de forma *online*, de maneira a preservar a integridade física tanto das e dos bolsistas que compõem o Programa quanto dos e das participantes. O Travessias *online* está previsto para acontecer por meio de *lives* no YouTube contando com a participação de convidados e convidadas formados e formadas e em processo de formação. Posteriormente, essas *lives* serão compartilhadas nos outros canais de informação do PET Práxis, como o blog, Facebook e Instagram, que, ao final do presente texto, terão seus *links* disponibilizados.

Há obstáculos no caminho: pesquisa no Instagram, conteúdos, *live* e comunicação

A comissão organizadora, da qual ambas as autoras que escrevem este capítulo fazem parte, reuniu-se pela primeira vez ainda no mês de abril, com o objetivo de delinear os principais interesses, público-alvo e ideias de atividades que poderiam ser realizadas. Dessa forma, decidimos que primeiramente seria importante fazermos um estudo sobre as dúvidas latentes do nosso público-alvo, graduandas e graduandos.

Foram necessários ainda alguns encontros com a comissão, que está composta por quatro bolsistas do Grupo PET Práxis, para que chegássemos ao encaminhamento da realização da pesquisa de público, horário e temas. Para a definição do horário, contamos com a colaboração de um estudo detalhado feito pela nossa comissão de comunicação, sobre quais são os horários em que nossos canais são mais visitados.

No que diz respeito ao estudo do tema, foram realizados posts, em sua maioria no canal do instagram, sobre o interesse e as dúvidas que poderíamos abordar no decorrer da realização da atividade. Infelizmente, a nossa pesquisa não recebeu muitos questionamentos, e essa situação nos forçou a tomar algumas decisões que de antemão podemos dizer que foram acertadas. Decisões estas ligadas diretamente às questões e ao conteúdo discutido no evento, tendo em vista que não era nosso objetivo apenas atingir pessoas do grupo PET, construindo um evento apenas com nossas questões.

A baixa procura de nossas e nossos "internautas" fez com que toda a metodologia prevista e a realização de ***lives*** pela plataforma do instagram – ideia inicial – fossem revistas e repensadas. A realização de algo novo sempre nos assusta, mas a comissão teve maturidade para assumir os riscos em cima da hora e mudar os planos pensando na melhor participação e maior visibilidade do projeto e consequentemente

do Programa Tutorial em si. Tivemos que agir rápido em cenário de incerteza, pois encontramos alguns problemas relativos à plataforma *online* que foi inicialmente pensada e, por isso, mudamos os planos um pouco antes do evento.

Em consonância com a mudança de plataforma, a comissão organizadora encontrou outras dificuldades, tendo em vista que foi necessário repensar a estrutura do evento, assim como aprender a utilizar a nova ferramenta. O grupo encontrou o desafio relativo à tecnologia, pois nunca nenhum(a) dos e das integrantes do grupo havia feito esse tipo de transmissão pelo YouTube.

Outra dificuldade encontrada diz respeito à comunicação e à divulgação do evento, uma vez que, em formato presencial, já estávamos habituados e habituadas à forma de divulgação dos eventos, pois, geralmente, a principal divulgação dava-se por meio de cartazes, chamamentos para o evento e com pouco enfoque nas mídias sociais do PET.

Porém, em tempos de distanciamento social, a divulgação deu-se apenas por essas mídias, situação que dificultou nosso trabalho, principalmente por não sabermos quais pessoas esses conteúdos de divulgação alcançaram. Também lidamos com a dificuldade de acesso à Internet de algumas pessoas, portanto, além das divulgações em nossas redes sociais, o grupo PET compartilhou as artes de divulgação e os links das ***lives*** para contatos em seus aplicativos de WhatsApp pessoais, buscando atingir o maior número de pessoas possível.

A seguir, a programação do Travessias 2020:

Cronograma Oficial Travessias 2020

Fonte: https://petconexoesdesaberes-uffs.blogspot.com/2020/09/travessias-praticas-desafios-e.html

YouTube: uma saída e uma nova tendência?

É interessante pensar que, às vezes, a solução está à nossa frente e custamos a vê-la pelo simples fato de já estarmos muito acostumadas(os) a não vê-la. Foi exatamente o que aconteceu durante a realização do Travessias. Nossa procura no Instagram estava baixa, e a utilização do Facebook estava fora de nossa cogitação.

A ideia de virarmos *youtubers* soou, em um primeiro momento, como algo engraçado, principalmente levando em consideração os canais mais grotescos que essa plataforma possui. Mas, ao olharmos com mais cuidado, percebemos também a existência de canais que cumprem um papel relevante em termos científicos e políticos. Então, por que não arriscar?

Nem sempre os planejamentos saem da maneira que pretendemos. Desde maio estávamos seguras das *lives* no Instagram e agora, em pleno mês de agosto, nos demos conta de que o canal do PET no YouTube poderia ser otimizado de uma forma melhor. Durante muito tempo, estávamos buscando soluções para algumas limitações que encontramos no Instagram; algumas dessas limitações são relacionadas à possibilidade de múltiplas pessoas ao mesmo tempo na *live*, a duração da *live*, que limitaria nossas conversas e interações a 1 hora, e a principal limitação: para acompanhar o evento, as pessoas deveriam ter um perfil no Instagram, o que pode ser excludente, tendo em vista que nem todas as pessoas têm as condições materiais para ter esse aplicativo, assim como há pessoas que optam por não ter redes sociais.

O caminho que encontramos, haja vista toda essa problemática citada, foi o YouTube, e nos surpreendeu de forma muito positiva a experiência de usar esse mecanismo para a realização do evento. A certificação dos e das participantes foi outro ponto do evento que precisou ser pensado e repensado diversas vezes, pois em evento presencial é fácil certificar os e as ouvintes, mas no meio virtual, como poderíamos fazer, considerando que todas as *lives* estão salvas em nosso canal do YouTube e as pessoas podem acessar a qualquer momento? Optamos, então, por certificar as pessoas durante o evento, pois ao final da transmissão ao vivo os certificados não estariam mais disponíveis, já que a certificação é apenas para aqueles e aquelas que participaram do evento em tempo real.

A busca de solução de problemas faz parte da vida dos educadores e das educadoras. Conosco não foi diferente.

Considerações finais

A ***travessia*** entre a Graduação e a Pós-Graduação é um processo difícil e muitas vezes misterioso, cercado de medos e "fantasmas". O objetivo do Grupo PET Práxis

com o Travessias é justamente desmistificar esse ambiente que muitos e muitas ambicionam alcançar. Por essa razão, acredita-se que a conversa entre graduandos/graduandas e professores, pós-graduandos/pós-graduandas e pessoas que passaram por esse processo das mais diferentes formas é necessária, principalmente no atual contexto da educação pública brasileira.

Enquanto finalizamos este capítulo, também finalizamos o Travessias. O evento mostrou-se muito rico em debates e em suas diversas temáticas relacionadas à Pós-Graduação, com participação de diferentes pessoas que estão em diferentes momentos da vida acadêmica e, também, em diferentes estados do país e do mundo, o que visualizamos como mais um dos pontos positivos de um evento ***online***.

De início, acreditávamos que não haveria grandes interações com os e as ouvintes, devido à baixa interação que recebemos em nossas pesquisas de temas. Porém, surpreendendo-nos, houve grande participação e questionamentos, em todas as noites de evento. Mesmo com todas dificuldades encontradas, o evento ocorreu conforme o esperado. Finalizamos convidando você, leitor, e você, leitora, a assistir ao Travessias 2020.

Link Travessias 2020:

https://youtu.be/4zDckfu7iBc - ***[Canal do PET Práxis - Conexões de Saberes]***

Referências

FRIGOTTO, G. **Educação e a crise do capitalismo real.** 6. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

LEHER, R. **Universidade e heteronomia cultural no capitalismo dependente:** um estudo a partir de Florestan Fernandes. Rio de Janeiro: Consequência, 2018.

As formações acadêmicas como eixo fundamental do PET Práxis

André Luis Lira Lemos[15]

Kerolin Kalinka Nunes Iung[16]

O Programa de Educação Tutorial, Grupo PET Práxis – Conexões de Saberes é um programa interdisciplinar que congrega estudantes de origem popular dos cursos noturnos – Licenciaturas – da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) *Campus* Erechim (RS). As atividades são desenvolvidas a partir do tripé que caracteriza o ambiente universitário: ensino, pesquisa e extensão. Os três eixos-base da Educação Tutorial relacionam-se indissociavelmente em atividades específicas. Dessa forma, ressaltamos a importância de não se criar uma falsa ideia de que cada um dos eixos deve estar separado em suas respectivas "caixinhas"; de outro modo, o Grupo PET Práxis percebe que essas ações operam melhor quando em conjunto. Portanto, faz-se o movimento de correlacionar as atividades realizadas por este, tendo em vista o diálogo e a fluidez entre essas atividades.

O grupo de estudos promove pesquisas que perpassam desde a construção de um conhecimento "mercadorizado", pensando a pesquisa científica como meio de socializar o espaço e entender o mundo empírico no processo de emancipação. Situado em um conhecimento Práxis, o PET configura sua metodologia sobre o tripé: ensino, pesquisa e extensão:

> *Os Grupos PET são espaços potentes de experiências universitárias, pois se constituem a partir do tripé que caracteriza a universidade brasileira: ensino, pesquisa e extensão. Dessa forma, não desprezando as duas outras dimensões, mas afirmando a pesquisa como um princípio educativo (DEMO, 2011), nosso grupo vem trabalhando em ações que articulam três dimensões do processo de construção do conhecimento na área de ciências sociais: ontologia, epistemologia e metodologia (BAQUERO, 2009. PEREIRA, 2014, p. 62).*

---

15 Estudante de Licenciatura em Filosofia e Bolsista do Grupo PET Práxis/Licenciaturas, modalidade Conexões de Saberes da UFFS Campus Erechim (FNDE).

16 Estudante de Licenciatura em Geografia e Bolsista do Grupo PET Práxis/Licenciaturas, modalidade Conexões de Saberes da UFFS Campus Erechim (FNDE).

O Grupo PET visa, dentro de seus espaços formativos, estabelecer o diálogo entre ensino, pesquisa e extensão, por meio da promoção da participação política nos processos de construção do conhecimento, em uma perspectiva coletiva. E dentro dessa possibilidade coletiva, o Grupo PET Práxis integra a construção do saber diante de uma relação socialmente interdisciplinar com a própria universidade e todos os segmentos universitários, partindo de pressupostos e metodologias que justamente viabilizam a práxis da pesquisa. Por outro lado, a atenção que o Grupo Práxis projeta sobre a metodologia de pesquisa participativa demonstra a preocupação que o Grupo tem com a construção histórica dos sujeitos, no processo de abertura conceitual do conhecimento.

Dessa forma, o grupo Práxis entende que, dentro do espaço universitário, cada pessoa carrega uma visão de mundo, a partir da sua experiência com o processo de apreensão do espaço. Nesse sentido, o indivíduo entende sua vivência como condição política para o entendimento, isto é, oconhecimento sobre os pressupostos ontológicos. Com as condições de abstração da realidade, o Grupo PET Práxis pensa o processo epistemológico como investigação da obtenção do conhecimento, ou seja, como o conhecimento alcança os sujeitos epistêmicos, abrindo-se desse modo a teorias que estruturam relações para o ato de conhecer. Portanto, o PET Práxis discorre sobre a metodologia para pensar a produção do conhecimento e suas bases, dispondo de técnicas e métodos para a pesquisa, como é o caso da pesquisa participativa dentro do grupo.

Contrapondo a hegemonia do ensino pró-mercado, o Grupo PET Práxis, desde 2010, passou a pensar o espaço universitário como lugar para a reflexão, demonstrando uma possível superação da dicotomia de senso comum e academicismo. O PET Práxis entende que o conhecimento universitário está além dos muros da instituição, ou seja, não se situa apenas na formação para o mercado de trabalho. Ainda mais quando a universidade, para muitos acadêmicos e acadêmicas, passa a ser o lugar de recriação de valores e constituição identitária, qualificando esse espaço como um lugar de ativismo político.

Outrossim, as atividades alicerçadas sobre o tripé supracitado têm como proposta analisar a educação popular. Diante desse segmento, o Grupo PET Práxis pensa a Educação Popular como aporte teórico para realizar suas investigações. Nas palavras de seu Tutor:

> *Na direção um, imaginei que um aporte teórico-metodológico importante seria a Educação Popular como um paradigma orientador de nossas atividades políticas e pedagógicas, tendo em vista os grupos sociais de referência (classes populares) que o programa pretende apoiar e a experiência de escola pública desses estudantes-bolsistas (PEREIRA, 2014, p.65).*

A Educação Popular, nas ações do Grupo PET Práxis, permite que os(as) bolsistas sejam orientados(as) a analisar e problematizar a situação conjuntural de grupos sociais, a exemplo das “classes populares”, as quais são pontos que o PET/Conexões de Saberes enfatiza em suas pesquisas. Portanto, dentro da pesquisa social, a partir da matriz freireana, busca a emancipação da educação, contrapondo-se à “educação bancária”. A metodologia, epistemologia e ontologia presentes nas pesquisas as qualificam com rigorosidade metódica:

> *Percebemos a inter-relação entre os blocos que constituem a pesquisa, sugerindo a “rigorosidade metódica” a que fazíamos menção anteriormente. É importante que os estudantes de licenciatura do campo das ciências humanas e sociais, como são os bolsistas do Práxis, tenham sólida formação metodológica. Isso ajuda a romper com a ideia de que o professor não faz pesquisa, pois é, por definição, um reprodutor do conhecimento já existente (PEREIRA, 2014, p. 68).*

Essa experiência de Programa de Educação Tutorial – PET Práxis/Conexões e Saberes busca construir, em suas atividades de ensino, pesquisa e extensão, um espaço para a reflexão social, diante da pesquisa na área de Educação Popular, situando as diversas abordagens de caráter emergencial das classes populares e marginalizadas na sociedade. A esse ponto, decorre a compreensão de que na educação reside uma forma de emancipação dos corpos aprisionados no sistema hegemônico capitalista, já que aeducação assegura a formação e a construção identitária, ou seja, a construção das pessoas diante da experiência com o mundo.

Eixo de ensino no PET: Grupo de Estudos

O Grupo PET Práxis, diante das demandas acadêmicas, tem como um de seus desafios manter um espaço formativo que não apenas enfoque na formação acadêmica, mas também traga formação humanística, novamente fazendo o movimento de diálogo entre discussões acadêmicas baseadas nos mais diversos temas relacionados ao cotidiano de uma sociedade complexa como a nossa. Assim, o espaço formativo do Grupo de Estudos sempre em movimento passou a constituir, em 2010, com o início das atividades do grupo, uma atividade estruturante do PET.

Essa atividade formativa busca fomentar as discussões acerca da temática central da Educação Popular de matriz freireana, da qual sucedem outras temáticas que dialogam entre si, trazendo para o debate aquilo que chamamos de temáticas emergentes. Considerando a origem popular das e dos bolsistas, é importante a integração com a temática, visto também que todas e todos cursam licenciatura. Portanto, o Grupo PET Práxis acredita que é importante a ação-reflexão-ação, que

é a Práxis, conceito que carregamos no nome. As temáticas variam de acordo com a necessidade e interesse das pessoas que compõem o grupo, esses estudos dividem-se por blocos, que compõem uma série de reuniões de discussões de textos selecionados pelo grupo.

Para citar apenas alguns desses blocos, escolhemos os dois últimos: (1) "América Latina e Educação Popular" em que discutimos ***As veias abertas da América Latina***, de autoria de Eduardo Galeano (2010), e ***Pedagogia do Compromisso***: América Latina e Educação Popular, de Paulo Freire (2018); e (2) "Diferença e Desigualdade Social" permitiu que as leituras e os debates transitassem por nomes como Sérgio Costa, Jessé Souza, Marcio Pochmann, além de análises produzidas pela Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL) e pela Oxfam Brasil.

Ressaltamos o momento histórico que estamos vivendo. Frente à pandemia da covid-19, percebemos o quanto essa temática dialoga com as tensões e os enfrentamentos à realidade social posta, trazendo reflexões acerca do mundo e das interações socioeconômicas e culturais. Ao final de cada bloco do grupo de estudos, faz-se a síntese das leituras em consonância às discussões, sobre as quais fazemos periódicas postagens no blog, como forma de divulgação.

Imagem 1: Registro do Grupo de estudos (2019)

Fonte: Arquivo pessoal da autora

Participação e planejamento de eventos

O grupo de estudos mostra-se como atividade fundamental do PET Práxis, tendo em vista a fundamentação teórica e o compartilhamento de conhecimentos entre os diversos cursos de Licenciatura que compõem o grupo PET. Uma das características

dos "ganhos formativos" e da divulgação científica é que essas reflexões resultam da submissão e da apresentação de trabalhos em eventos como o Encontro Estadual dos Grupos PET (PETchê); Encontro Regional dos Grupos PET (SulPET); Encontro Nacional de Grupos PET (ENAPET); e Seminário de Ensino, Pesquisa e Extensão (SEPE).

Em 2019, o Grupo PET Práxis participou de quatro eventos do Programa de Educação Tutorial com submissão de trabalhos e apresentação além do Seminário de Ensino, Pesquisa e Extensão (SEPE) da UFFS. Faz-se necessário destacar que é de grande importância essas participações para além da divulgação acadêmica do que se produz dentro do PET; a interação e troca de experiências é sempre muito rica, levando-nos cada vez mais a refletir sobre nossas atividades, buscando sempre a melhor forma de conduzir os trabalhos – seja em relação às temáticas discutidas, seja mudando completamente a metodologia de determinadas atividades.

O exemplo dessas mudanças é o PET em Debate, com temáticas relacionadas às discussões realizadas nos grupos de estudos. A partir de avaliação e reflexão da atividade sobre o formato, foi alterado para o que chamamos hoje de PET em Movimento e se estrutura com atividades (palestras, filmes, rodas de conversa e atividades culturais) em uma semana, trazendo temáticas específicas para o debate, relacionando todos os eixos, grupo de estudos, minicursos, palestras e mesa-redonda, e trazendo egressas, egressos e docentes para o debate. PET em Movimento envolve temáticas que compreendem a realidade das e dos estudantes da Licenciatura, não esquecendo que a temática central do Grupo Práxis é a Educação Popular de matriz freireana, que guia, orienta e sustenta nossos debates e atividades.

Imagem 2: Grupo PET Práxis no 1º PETChê em Santa Maria (RS)

Fonte: https://petconexoesdesaberes-uffs.blogspot.com/search?q=Petche

Formações na quarentena

Percebeu-se que, durante a quarentena, devido ao coronavírus (covid-19), havia a possibilidade de outra atividade de formação para além das que já estavam preestabelecidas pelo grupo. Nasceu, assim, o ***Elos Virtuais***, em que, uma vez por semana, nos reunimos para discutir diversas temáticas, com convidados(as) externos(as) ao contexto cotidiano do PET Práxis.

Os Elos acontecem em sua maioria pelo Skype, permitindo que essas formações tenham a participação de convidados e convidadas dos mais diversos lugares do país, numa variedade de temáticas que podem ou não estar relacionadas às outras atividades do grupo. Esse tipo de formação nos proporciona um aumento significativo de repertório de discussões que posteriormente resultará em trabalhos acadêmicos – artigos, livros, apresentações em eventos.

Considerações finais

Por fim, reforçamos a necessidade de espaços formativos com os mais diversos tipos de metodologias e temáticas, tendo em vista que esses espaços são a base para a produção acadêmica, assim como fundamentais para a formação de professores e professoras. Tais atividades possibilitam uma série de diálogos que nos capacitam e ajudam as nossas argumentações a se tornarem cada vez mais sólidas e embasadas, auxiliando na produção acadêmica.

Porém, tão importante quanto a produção acadêmica é a riqueza de discussões e a variedade de temas, pois nos possibilitam espaços de diálogo de temas emergentes tanto para a educação brasileira quanto para nossa formação humana, na posição de sujeitos pertencentes ao lugar de futuros e futuras docentes preocupado(as)s com a Educação Popular; engajados e engajadas na luta pela educação e emancipação dos sujeitos desumanizados por um sistema político, econômico e social.

Referências

FREIRE, P. **Pedagogia do compromisso:** América Latina e educação popular. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

PEREIRA, T. I. A pesquisa como princípio educativo no Grupo Práxis – PET/ Conexões de Saberes. In: PEREIRA, T. I. (Org.). **Universidade pública em tempos de expansão**: entre o vivido e o pensado. Porto Alegre: Evangraf, 2014, p. 61-73.

Parte II

MEMORIAIS FORMATIVOS

Eu não sou a versão final de mim

Thífany Piffer[17]

A história na íntegra jamais será conhecida, e a narrativa como a conhecemos atualmente não pode ser contada à maneira de um filme completo. Em vez disso, é mais como uma apresentação de slides, com lacunas a serem preenchidas [...]
(Sexo Invisível: o verdadeiro papel da mulher na pré-história)

A primeira versão deste Memorial Formativo foi pensada, articulada e escrita em setembro de 2018. Hoje, 12 de outubro de 2020, mais de dois anos após o exercício inicial da tentativa de traçar quais foram os passos, momentos, pessoas que possibilitaram e/ou ofertaram significado e sentido à minha caminhada rumo à universidade, permaneço com o mesmo entendimento – a escrita de si é um movimento bastante complexo. Os trabalhos com a memória têm se mostrado, cada vez mais, presentes nos diferentes espaços da sociedade, visto que a escrita de si, o pensamento ensaístico, o deslocamento pendular de ler e escrever, ou, então, a própria dinâmica da rememoração são, no limite, o encontro com a sua palavra. Como já nos dizia Paulo Freire: todas as pessoas têm o direito de dizer a sua palavra.

Dessa forma, mesmo tendo o entendimento da potencialidade intrínsica ao processo de refletir e/ou dar sentido às nossas vidas, por meio do dispositivo Memorial Formativo, não sei exatamente como iniciar a escrita de um texto em que eu sou escritora, narradora e personagem ao mesmo tempo. Como selecionar pedaços da minha história para compartilhar, quando, na verdade, todos os ciclos constituem quem eu sou hoje? Ou melhor, como responder de onde eu vim, quem sou eu e para onde vou? O processo de autoconhecimento e autoaceitação é doloroso, mas necessário. Fico feliz em saber, já em 2018, que, conforme as palavras são escritas e as linhas são preenchidas, eu irei me desacorrentando e, finalmente, alçando voo de forma conjunta com vocês. Tenho por objetivo, além de entender os porquês e de que forma eu aterrizei na universidade, parecer estar ao lado de vocês durante a leitura. Sejam bem-vindes!

17 Estudante de Licenciatura em História e Bolsista do Grupo PET Práxis/Licenciaturas, modalidade Conexões de Saberes da UFFS Campus Erechim (FNDE).

Afinal, de onde eu vim?

Aqui, é válido ressaltar que não tenho por pretensão narrar a minha história numa sequência cronológica, linear, tampouco retratar todos os aspectos referentes à minha trajetória, visto que a história na íntegra jamais será conhecida. A nossa memória é afetiva – guarda somente aquilo que queremos lembrar, ou então, muitas vezes, nos prega peças e acaba por armazenar os acontecimentos/fatos que queremos esquecer. Dessa forma, o processo da escrita de um Memorial Formativo se expande para além de explanar os episódios que marcaram a minha vida, ele também empreende o movimento de crítica e autocrítica. É mostrar-se, desnudar-se, assumir-se. É, no limite, um ato político. Perante uma sociedade que tenta constantemente nos calar, nos silenciar, dizer a sua palavra é revolucionário.

A certidão de nascimento indica 02 de janeiro de 1999, 08h50 de um sábado ensolarado, Bento Gonçalves, cidade da uva e do vinho, às margens do Rio das Antas, na Serra Gaúcha. Uma criança de cabelos castanhos e olhos azuis, pesando 3,5kg, foi a alegria da família. Um nome bem diferente e que gosto muito – ***Thífany*** – foi o escolhido após oscilar entre Gabriela e Diogo, já que combina com Diego, nome do meu único irmão. A propósito, o nome foi escolhido pelo meu irmão e a caligrafia pelo meu pai – o que representa muito para mim.

Minha mãe, Sônia, nasceu no Vale Aurora, interior de Bento Gonçalves. Uma das caçulas de uma família com mais doze irmãos e irmãs atravessou as mais diversas dificuldades financeiras e estruturais. Meu pai, Norberto, com seus cabelos cacheados e negros, nascido e criado no mesmo espaço-tempo que minha mãe, advém de uma família pequena, apenas com um irmão mais velho, o que não o impediu de passar por uma série de complicações também. No esboço inicial referente a esse memorial, realizado no ano de 2018, descrevi que as restrições e/ou limitações a que tanto minha mãe quanto meu pai foram submetidos foram basilares para a constituição do que são e representam hoje. Porém, por mais que essa afirmação continue sendo autêntica, é indispensável sublinhar que não podemos romantizar o sofrimento. Em uma sociedade tão desigual, faz-se imprescindível não naturalizarmos esse cenário, mas sim nos posicionarmos e lutarmos contra esse sistema que continua a (re)produzir a miséria.

O namoro começou cedo, minha mãe tinha quatorze e meu pai dezessete anos, demorando um tempo relativamente curto para subirem ao altar – o casamento foi em setembro. Em fevereiro de 1981, meu irmão nasceu. Nesse momento, meu pai havia acabado de terminar o Ensino Médio que cursara em uma escola particular, devido a uma bolsa de estudos que ganhara. Infelizmente, um abismo estava posto entre a possibilidade de uma graduação e a materialidade da realidade do meu pai. Porém, os comentários sempre giram em torno do desejo que ele tinha de cursar medicina – tenho certeza de que ele teria sido e ainda é muito capaz. Minha mãe, apesar da tentação latente de estudar, cursou somente até a quinta fase do Ensino

Fundamental. Dona Sô, mulher inteligente e forte, se formou na escola da vida e hoje é uma microempresária, como ela gosta de se definir.

Os relatos que me alcançam sempre envolvem o discurso de que meu pai e minha mãe optaram por esperar até que o Mano atingisse determinada idade para terem outra criança – ninguém imaginava que eles esperariam até o filho mais velho completar dezoito anos. A diferença de idade pode ser visualizada, muitas vezes, como um dispositivo divisor, segregador. Porém, eu sempre tive um irmão muito presente e amoroso que, inclusive, já foi confundido como sendo meu pai. Tenho uma lembrança bem viva de um desses acontecimentos: em um belo dia, eu, meu irmão e minha mãe estávamos em uma loja de calçados, e eis que chega a vendedora trazendo consigo diversas caixas de sapato: "Olha que bonito esse! Já mostrou para o papai?". A resposta foi imediata: "Ei! Não é meu papai! É o Mano!".

Lilian, minha cunhada desde meu um ano de vida, é uma mulher espirituosa, inteligente, adora viajar, conhecer novos lugares, ter contato com diferentes culturas, modos de viver, sentir e estar no mundo, assim como eu. Ela e meu irmão se formaram em Administração e Recursos Humanos. Algo significativo e que deve ser destacado é que nós constituímos a primeira geração da família a ingressar no Ensino Superior. Diferentemente de mim, que estudo em uma universidade pública, meu irmão e minha cunhada performatizaram a realidade de estudantes-trabalhadores. Dessa forma, ressalto energicamente que a Educação sempre foi o caminho para a minha família – uma forma de escape do contexto social e histórico a que a classe trabalhadora é constantemente submetida. Aproveito o momento e o espaço para desejar: "Muitas felicidades. Um beijão da mana Thífany", mensagem presente na filmagem do casamento do meu irmão e da minha cunhada, no auge dos meus seis anos de idade.

Aos onze anos, eu recebi um presente especial e inesperado: eu seria tia e, não obstante, dinda. Enzo Augusto nasceu e nada foi igual novamente. Nesse momento, eu passei a me sentir, mesmo que inconscientemente, responsável por alguém. Aos quinze anos, eu fui surpreendida mais uma vez, porém, agora, quem vinha ao mundo era a Sofia Luiza. E eu me apaixonei mais uma vez – esse ato de paixão se relaciona com a vontade de cuidar, proteger, educar, para transformá-los em alguém que respeita as outras pessoas, mas que também exige respeito para si. O Enzo e a Sofia, cada qual com suas singularidades e características próprias, exteriorizam personificações da Thífany criança, seja na aparecência, no modo de ser, falar e gesticular.

O badalar dos ponteiros do relógio variava entre 5h30 e 6h30 quando eu estava sendo acomodada na cama macia da vizinha que cuidou de mim até eu completar nove anos de idade e que, com o passar do tempo, se tornou imensamente e sentimentalmente maior do que isso. Sendo assim, após minha família inicial, a minha trajetória inicia com uma pessoa bem especial: minha Tia Rilde. À vista disso, acredito que estejam postas as personagens que dão embasamento à constituição do meu eu, uma vez que o

ambiente em que nos inserimos e as pessoas com quem convivemos acabam por afetar quem nós somos. Por isso é tão importante nos cercarmos de gente que gosta da gente.

Afinal, quem sou eu?

"O passado é uma invenção do presente. Por isso é tão bonito sempre, ainda quando foi uma lástima. A memória tem uma bela caixa de lápis de cor." (Mário Quintana)

Quem sou eu? Quem somos nós? O que estamos fazendo aqui? São questionamentos filosóficos atemporais e que têm seus vislumbres de respostas postos em um espaço longínquo e de difícil acesso. Dessa forma, fundamento a escrita deste memorial com as lembranças que consigo alcançar a partir do exercício da rememoração: uma criança alerta, sempre buscando movimento, com desejo de aprender. Inclusive, no decorrer da noite, meu irmão aparecia no meu quarto, pois ouvia vozes – era eu dialogando comigo mesma.

Iniciei a escola aos cincos anos. A experiência se constituiu completamente fora da minha zona de conforto – de lá, crianças chorando, agarradas nos familiares; de cá, crianças brincando, se relacionando, fazendo amizades. Eu estava em uma espécie de limbo, um entre-lugar. "A Thífany é uma ótima aluna, mas precisa se relacionar mais, fazer amizades". Logo, o discurso se transfigurou: "A Thífany é uma ótima aluna, tem notas excelentes, mas fala demais".

Escola Municipal de Ensino Fundamental Professor Agostino Brun e Colégio Estadual Visconde de Bom Retiro são as instituições de ensino que marcaram a minha trajetória escolar. O estudo, a leitura, a busca pelo conhecimento: inexistentes na experiência material da minha família – e, por isso mesmo, incentivados, principalmente, pelo meu pai e pela minha mãe –, proporcionaram o entusiasmo pelo processo de ensino-aprendizagem. Raramente participava das aulas por obrigação/dever, mas por vontade própria mesmo. Eu tinha e continuo a ter a necessidade de conversar, gritar, correr, brincar, escrever, aprender, viver tudo ao extremo.

O Ensino Fundamental e o Ensino Médio me marcaram de formas distintas. Segunda série, primeiro dia de aula, performatizando uma coreografia de balé durante a aula: foi assim que eu conheci uma das minhas grandes amigas, a Amanda. Uma amizade que já percorreu muitos caminhos e que se mantém acesa há treze anos. A possibilidade de inscrever a minha história, os meus percalços, sem citar a Amanda é inexistente. Essa relação me atravessa por inteira, me transborda. Por sua vez, o Ensino Médio foi importante no que tange ao despertar do meu espectro professora. Expandindo-se para além dos grupos de estudos que organizávamos, uma memória bem presente é a de um seminário que delineamos; o projeto tinha por intuito escolher uma

década e nos dedicarmos a aspectos, contextos, acontecimentos que perpassassem esse período histórico. Por coincidência ou não, fiquei responsável pela parte da História.

Como já ressaltado em fragmentos do Memorial Formativo em questão, meu pai e minha mãe não desfrutaram do universo escolar em sua totalidade. Sendo assim, o movimento consistiu na atenção para que essa realidade não se reproduzisse novamente – informática, inglês, matemática financeira e recursos humanos são exemplos de cursos que eu tive o privilégio de realizar. Para além disso, por meio da escola de línguas, tive a oportunidade ímpar de vivenciar uma experiência de intercâmbio, tendo por destino Malta e Itália. Foi uma imersão total no idioma, nos costumes, na arquitetura, na culinária, afinal, em todos os aspectos que perpassam a construção de um espaço diferente do qual estamos habituadas e habituados. Esse foi um ponto fora da curva para a realidade concreta da classe trabalhadora.

A experiência do cursinho preparatório foi bem intensa e, mesmo sendo geralmente uma dinâmica conteudista, os exemplos e as problematizações trazidos para a sala de aula se aproximavam da minha realidade, me inquietavam e me faziam ter a necessidade de ser crítica. Mesmo Jornalismo sendo a minha primeira opção de curso, foi meu professor de História do cursinho que me inspirou a colocar outras possibilidades em perspectiva – desconstruir o conceito de que a escola é um espaço rígido e estático e mostrar que é possível e necessário aprender a ler o mundo são ideias que sempre me inspiraram.

Decidi que estudaria na Universidade Federal de Santa Catarina. Assim, bem simples. O primeiro choque de realidade irrompeu: ser aprovada pela UFSC foi bem mais complicado do que eu esperava. Não obstante, novamente a vida fez o meu corpo tremer: eu quase fui aprovada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), mas o *quase* me deixou de fora. Recentemente, descobri que me classifiquei no vestibular da Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC), mas acredito que meu destino era a Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) *Campus* Erechim (RS). São 255km entre Bento Gonçalves e Erechim. Além do mais, decidi mudar tudo e arriscar selecionar o curso de História – escolha certeira.

Afinal, para onde eu vou?

Uma tal de Universidade Federal da Fronteira Sul desatravancou o meu caminho. À primeira vista, adorei Erechim, cidade bem arborizada e com várias praças, já imaginei o pessoal reunido tocando violão e cantando – cenário que se reproduziu depois. Chegando ao *campus*, eu não acreditava no que eu estava vendo, a beleza da UFFS não cabia nos meus olhos. No dia da matrícula, fui informada que um aluno que havia se inscrito no curso de Agronomia também era natural de Bento Gonçalves.

Após acertar tudo com o Mateus, fiquei responsável por encontrar outra pessoa para morar conosco, a minha publicação no grupo do Facebook da História foi mais ou menos assim: "E aí, amadinhas e amadinhos, estou procurando pessoas interessadas em dividir apê". A resposta positiva veio da Lívia –dialogamos por meios digitais e nos identificamos bastante. Lembro-me de estar em Florianópolis, nas férias, mandando áudios para a minha nova amiga.

Em uma quinta-feira, na cara e na coragem, sem nunca ter visto pessoalmente as pessoas com quem eu iria morar, meu pai, minha mãe e eu colocamos a mudança no carro e partimos rumo a Erechim. Mateus e eu visitamos diversos apartamentos, vários com o impeditivo de só podermos nos mudar no prazo de uma semana. Quase sem esperanças, no fim daquele dia que parecia não acabar mais, encontramos um bom apartamento. Lívia chegou no final de semana. A convivência desse trio inusitado não durou muito. A vida é um emaranhado de possibilidades e constantemente as pessoas acabam se realocando.

Luíza, com quem eu divido apartamento atualmente, é alguém que eu posso denominar como sorte. É minha companheira de mate, de sushi, de trabalhos universitários, de diálogos, de debates. Conjuntamente com a Ana Paula, mergulhamos na vida acadêmica e em tudo que engloba os diferentes espaços da Universidade. É o caso do Grupo Práxis – PET Conexões de Saberes/Licenciaturas, programa do qual faço parte desde o primeiro semestre do curso e que oportunizou a escrita deste memorial, viabilizando, dessa forma, ações e movimentos com a finalidade de que eu me reconheça como construtora da minha história e da minha caminhada. Identificando o privilégio que tenho por poder presenciar e aproveitar de fato cada espaço e experiência que a Universidade me proporciona, também faço parte do Centro de Documentação e Laboratório de História Oral.

O que os nossos corpos, posturas, posicionamentos dizem sobre nós? Aqui, já em tom de despedida e de fechamento, problematizo: o que os elementos que escolhemos eternizar nas nossas peles representam? Meu cavalo-marinho, minha primeira tatuagem, expressa muito mais do que um animal aquático; representa o meu pai, nossa relação, já que é o cavalo-marinho macho que dá à luz. A onda, ao mesmo tempo que me conecta com o mar, com a praia, também simboliza o movimento do oceano – a renovação, a reinvenção. A frase fala por si só: ***Que seja imenso e belo como o mar.*** Tendo vinculação com todos os aspectos e com todas as experiências adquiridas: profundas, intensas, deixando uma marca de vida. A mais recente, a rosa dos ventos, além de estar conectada com a História, é simbologia da busca por novas perspectivas e por novos caminhos, no limite, simbologia da coragem de mudar de direção. Não sei direito quem sou eu, visto que não sou a versão final de mim, porém, mantenho os pés no chão porque tenho plena consciência de onde vim e, sobretudo, tenho uma gama de possibilidades de para onde eu vou.

Trilhando caminhos: de discente para docente é um longo caminho de experiências e formações

Jenifer de Aguiar Ramos[18]

Cara leitora e caro leitor, o objetivo deste memorial é relatar memórias pessoais em linha cronológica para entender como foi meu processo até chegar em um curso de licenciatura em uma universidade pública voltada a uma educação para as classes populares. Este projeto iniciou em 2018, mas, talvez pela minha imaturidade do período, foi deixado de lado para outros objetivos. Hoje volto a descrever e apresentar para todas e todos um pouco sobre como tornei-me uma estudante de licenciatura em História, quase formada. Bom, primeiramente, me chamo Jenifer de Aguiar Ramos e estou no sétimo semestre, a poucos passos de me tornar uma docente em História.

Mas este memorial está sendo redigido em um momento histórico de enfrentamentos políticos e de uma pandemia que nos levou a viver de formas remotas, pois o contato com outras pessoas pode ser prejudicial. Tenho 24 anos, moro na cidade de Erechim-RS, mas sou natural de uma cidade chamada Registro, que se localiza no interior do estado de São Paulo. Contudo, desde meus 10 anos morei na baixada santista. Meus pais são naturais de Eldorado, uma cidade de 15 mil habitantes, que está localizada no extremo sul do estado de São Paulo, e é lá que iniciei minha jornada acadêmica.

Minha mãe se chama Edineia, mas gosta de ser chamada de Néia. Ela sempre me contou que, desde meus 2 anos, eu queria ir para a escola. Talvez essa vontade era uma influência do meu meio, pois frequentava a creche e via as outras crianças indo de ônibus para a escola, e isso estimulava meu desejo de ir também – o que aconteceu aos meus quatro anos de idade. Tenho poucas lembranças sobre a Escola Municipal Eliza Muniz Betim, sei que era de educação infantil e eu ingressei no Jardim de Infância. A escola tinha parquinho, pátio e um corredor do qual me recordo, pois era nele que eu pegava o ônibus que nos devolvia para a creche no final da tarde. Sempre fui

muito participativa nos eventos escolares, participando de todos os eventos possíveis, como dançar, cantar, participar de desfiles cívicos e encenar.

Aos sete anos, entrei na Escola Municipal de Ensino Fundamental Maria Salete Pedroso Ferreira, onde, curiosamente, meu pai trabalhava como inspetor de alunos. Por esse motivo, eu mantinha uma rotina maior na escola, ficando lá até a hora que meu pai saía do trabalho. Essa rotina perdurou até a 2ª série. Nessa época, eu convivia muito na escola, pois o meu período de aula era de manhã, e eu ficava na escola até as 14h. Com a ida do meu pai para a baixada santista, as duas últimas fases do ensino fundamental I foram na Escola Municipal Lilian Viana de Almeida, pois era mais próxima à minha residência.

Aos dez anos, mudei para a cidade de São Vicente, onde morei na área continental da cidade. Estudei na Escola Estadual Luiz D'aurea e lá tive minha primeira experiência negativa com uma professora, que, ironicamente, era de História. A situação me fez pensar pela primeira vez na prática docente propriamente dita. Talvez a professora nem saiba o quanto um episódio marcou a vida de um discente, mas o cenário de uma escola periférica com realidades diversas, onde a violência faz parte do dia a dia de cada aluno e aluna, traz a necessidade de certas amorosidades docentes, as quais não encontrei naquele fatídico dia. A cena ocorreu na minha 6ª série (hoje chamado 7º ano).

Foi em 2006. Para quem não está localizado no estado de São Paulo, o cenário dessa época era de rebeliões nos presídios de todo o estado. Eu morava em uma área periférica, então a bairro todo estava paralisado, as escolas não tinham dias para funcionar e meu pai trabalha no setor de segurança pública do estado. A professora em questão não sabia da minha realidade e, nesse dia, ela me prendeu na escola como forma de punição, por eu não ter feito a tarefa em sala de aula. Não acredito em punições e sei hoje como isso pode gerar traumas nas minhas educandas e educandos.

Escrever sobre isso hoje tem como finalidade refletir sobre quais são minhas perspectivas como futura educadora e sobre a prática da confiança, do pertencimento a um ambiente que faz parte de pelo menos 13 anos da vida dessas(es) discentes. Esse tema foi tão relevante na minha vida, que na disciplina de estágio, anos depois, propus um debate sobre como a relação de alunos e professores influencia o processo de ensino-aprendizagem. Concluindo que essa relação não só influencia esse processo, mas também a permanência desses estudantes na jornada acadêmica.

Anos após esse episódio, eu ainda tinha uma recusa em tornar-me docente, por não acreditar que essa prática é realmente válida. Um ano depois, eu me mudei para Praia Grande – SP e, por influência de algumas professoras, criei uma paixão por matemática. Tive professoras muito inspiradoras nessa área, entre elas a professora Ivone foi a que mais se destacou. Ela viu um potencial em mim nessa área que eu mesma não via, estimulava que eu fizesse provas da área e até pensasse em fazer o curso de matemática em uma graduação.

No Ensino Médio, mudei um pouco de foco. Entre várias opções que tive na cidade onde residia, decidi fazer um curso técnico em Farmacia. Mas algo no curso não era atrativo para mim. Finalizei em 2013, um ano depois de terminar o Ensino Médio, e ingressei no mercado de trabalho. Não foi na área do curso; passei por diversos ramos, como telemarketing e comércio. Nesse processo, fiz vestibular e o Exame nacional do Ensino Médio (Enem), mas foi um período em que não tive interesse de fato de ingressar no Ensino Superior.

2016 foi o ano em que esse interesse voltou, a ideia começou a amadurecer com meu interesse em cursar Psicologia. Sempre fui interessada em saber como a sociedade se organiza, entender como funciona e mente humana e entender por que determinadas condições são normalizadas. Para a minha "Eu" desse período, o curso de Psicologia traria algumas dessas respostas. Contudo, por assistir a muitos documentários, principalmente do Discovery History, comecei adquirindo um interesse por História, pelo menos aquela demonstração. A ideia inicial seria fazer o curso de Psicologia, estruturar-me e em seguida cursar História. Até então não pensava em ser licenciada.

No ano mencionado fiz Enem, sem comunicar a ninguém, e, também, o vestibular para cursar Psicologia em uma faculdade particular da região. Passei no curso de Psicologia, mas descobri que possuía nota suficiente para adentrar uma Universidade Federal. Em um primeiro momento, tentei o curso de Psicologia e iria conseguir a vaga, mas seria no estado de Tocantins, e eu não tinha recursos financeiros para ir. O segundo curso escolhido foi Matemática, mas não era exatamente o que eu queria. Então decidi tentar o curso de História Licenciatura na Universidade Federal da Fronteira Sul.

A ida para Erechim – RS foi organizada em apenas três dias. Eu não conhecia a cidade nem o estado. Meu único objetivo era a universidade e foi nela que comecei a considerar a possibilidade de ser uma professora, de praticar a docência. Iniciei o curso de graduação em março de 2017. A partir do contato, desde meu primeiro semestre, com a disciplina de fundamentos da educação, toda a minha construção sobre ser docente foi desmoronando.

No segundo semestre, fiz a seleção para ser bolsista no Programa de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID. Mesmo não sendo selecionada, me coloquei à disposição para ser voluntária. Minha primeira experiência em sala de aula teve início nesse projeto, em que a ideia de formação docente ocorre desde o seu primeiro contato com o programa. Fui voluntária do projeto por 6 meses, saindo apenas pelo fato de o projeto ter encerrado naquele ano, para uma reestruturação. Com isso, comecei a observar como eram outros projetos da universidade, e o Programa de Educação Tutorial – PET passou a entrar em meus horizontes de expectativa. Pois, na minha percepção, seria a partir dele que eu entenderia o que é a prática docente. No mesmo

período, entrei como voluntária em um projeto de extensão chamado "UFFS na escola e a escola na UFFS: geografia e encontros".

O programa tem por objetivo apresentar o curso de Geografia nas escolas públicas da região do Alto Uruguai. Nele, conheci um projeto de um bairro periférico da cidade de Erechim, a Obra Santa Marta, e trabalhamos temas como América Latina, África, geografia local, entre outros temas. Nesse projeto, me deparei com crianças e adolescentes que vivem em vulnerabilidade, mas que só precisam de uma oportunidade. Trabalhamos também com a escola Cristo Rei, que está localizada no bairro que possui o mesmo nome. Uma escola que também é periférica. Muitos desses adolescentes tiveram seu primeiro contato com a ideia de uma universidade pública por meio do projeto, o primeiro contato com a estrutura universitária e com a vivência acadêmica.

Dentro desse projeto, nos relacionamos também com outras escolas, mas essas duas foram muito significativas. Não posso deixar de dedicar pelo menos um parágrafo para falar da experiência de trabalhar com a equipe do "UFFS na escola e Escola na UFFS". Meu universo universitário sempre foi variado, mas o projeto ajudou na interação com a Geografia. Alem das experiências de contato com discentes, houve a inter-relação entre minha formação em História e conhecimentos cartográficos e geopolíticos abrangendo ainda mais minha formação, indo além de um conhecimento específico da História.

Um dos meus alicerces para a formação como docente está vinculada, então, ao Programa de Educação Tutorial – PET. Passei no processo seletivo em 2018 e desde então minhas perspectivas de futuro como docente expandiram. Com a pegada na Educação Popular, comecei a me encontrar dentro do universo universitário, onde, por anos, eu não via meu pertencimento. O PET veio para além de uma ajuda financeira – que, naquele momento, eu precisava muito –, veio também para incrementar minha formação. Por vir da classe trabalhadora, sempre acreditei que a universidade pública fosse muito distante de mim. Mesmo quando ingressei, acreditava não ter a capacidade de manter as exigências acadêmicas.

O Grupo Práxis abriu meus horizontes de expectativas, mostrando os diversos caminhos que eu poderia tomar dentro da graduação e, principalmente, mostrou-me que para além da graduação eu teria direitos a uma pós-graduação. O grupo me trouxe a esperança tão presente nos escritos de Paulo Freire, esperança de ascensão cultural, financeira e social. Aprendi que a prática docente vai muito além do passar um conteúdo; é uma formação de vida e de sujeitos críticos. Foi por meio do PET em união com a minha formação em História que minha percepção da realidade escolar (e de mundo) se ampliou e, com muita ousadia, posso dizer que quebrou alguns sensos comuns muito enraizados em mim.

Unindo autores que conheci na academia, como Paulo Freire, Walter Benjamin, Frantz Fanon, entre outros e outras, comecei a criticar meu lugar na sociedade elitista, machista e racista. E a partir do momento em que meu espaço de experiência colidiu com meu horizonte de expectativa, percebi a importância do debate político e social. De Paulo Freire, busco os debates educacionais e sociais, de uma educação popular para todas e todos, da esperança na minha prática docente, do meu compromisso com a educação e principalmente da vida desses jovens que serão meus educandos e minhas educandas.

De Walter Benjamin, trago a indignação dessa sociedade que vive a ilusão de um sistema que torna o ser humano um autômato, uma máquina. Seja ela uma máquina de guerra como foi no século XX, seja uma máquina de produção de recursos para uma minoria totalitária. E com Frantz Fanon questiono a dor de corpos negros, mal vistos e construídos nessa sociedade capitalista, questiono o colonialismo ainda presente nas sociedades periféricas como a nossa. Debato as questões raciais, as mutilações, a História e por último, mas não menos importante, as questões psicossociais que são consequências desse processo histórico de tortura, punição e inferioridade.

Com essas bases, procuro qualificar-me como uma futura docente que defende a melhoria da escolarização pública, uma educação popular, uma universidade pluralizante. Minha formação encaminhou minha vida para pensar as classes populares, de trabalhadoras e trabalhadores que buscam na educação, sua ou dos seus, uma ascensão social, cultural e econômica. Busco a motivação e a esperança, o compromisso de estimular e orientar que todos são pertencentes dos ambientes que escolherem.

Encaminhando este breve memorial, reflito sobre o ano de 2020, com todo o contexto histórico que estamos presenciando, seja em um cenário mundial, de pandemia em que populações pobres vão passar por um período longo de escassez, seja no cenário nacional, com cortes significativos que atingem diretamente a vida da população brasileira. Tenho medo do futuro, não vejo soluções no passado e o presente é apenas de lutas. Mesmo assim, sigo lutando como uma futura docente, que acredita que, por meio da educação, vidas são mudadas apenas pelo fato de a educação proporcionar esperança, renovação e oportunidades para as classes trabalhadoras. Sendo assim, minha trajetória de vida até o momento é apenas o início de uma longa jornada educacional e profissional.

Caminhos e descaminhos que levam à Educação Popular

Kerolin Kalinka Nunes Iung[19]

[...]Hay poca educación, hay muchos cartuchos Cuando se lee poco, se dipara mucho Hay quienes asesinan y no dan la cara El rico da la orden y el pobre la dispara

No se necesitan balas para probar un punto Es lógico, no se puede hablar con un difunto

El diálogo destruye cualquier situación macabra Antes de usar balas, diparo con palabras [...]

Calle 13, La bala, 2010

Uma breve apresentação

Olá, me chamo Kalinka Iung, sou graduanda do curso de Licenciatura em Geografia na Universidade Federal da Fronteira Sul, *Campus* Erechim, extremo norte do Rio Grande do Sul. Atualmente sou bolsista do Grupo PET Práxis, Conexões de Saberes Licenciaturas, que estuda Educação Popular de matriz freireana. Dito isso, agora pretendo fazer uma breve apresentação da minha história educacional e como os caminhos e descaminhos da vida me trouxeram até aqui.

Sou natural da cidade de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, mais especificamente bairro Restinga, uma das maiores periferias da cidade. Durante a vida escolar, frequentei duas escolas do bairro; a primeira foi onde comecei o que estou chamando aqui de caminhos e descaminhos, a Escola Estadual de Ensino Médio José do Patrocínio, onde fui alfabetizada e estudei até a 6ª série. Confesso que não tenho grandes memórias das aulas nessa escola, mas permanecem vivas na memória as diversas vezes em que precisei retornar para casa, pois não eram raros os dias em que as aulas eram suspensas devido à guerra entre facções que acontecia em frente à escola.

Outras vezes, as aulas eram canceladas por falta de professores e professoras, o que era outro problema frequente durante esse período da vida escolar.

Posteriormente, minha mãe, Rozi, e meu pai, Márcio, decidiram que não teria como eu e minha irmã permanecermos até o final de nossas vidas escolares nessa escola, e foi nesse momento que fui transferida para o Colégio Estadual Eng. Ildo Meneghetti, na 6ª série. Cabe aqui dizer que não foi fácil, tendo em vista o histórico de aulas precarizado na antiga escola, o que gerou uma reprovação nesse mesmo ano de transferência. Chegando à nova escola, me deparei com um mundo de possibilidades e uma realidade que divergia até certa medida da escola anterior, pois não havia tantos problemas com guerras entre facções, porém os assaltos e furtos na escola eram frequentes. Por essa razão, não usávamos o laboratório de informática que a escola tem, pois raramente tinha internet e todos os equipamentos funcionando na escola.

Hoje, estando em um curso de graduação e sendo bolsista de um programa que pesquisa fundamentalmente Educação Popular, percebo o quão necessário se faz esse debate dentro da escola pública e a integração entre Universidade e Escola como instituições de ensino público. Chegando ao final do ensino fundamental, começa a questão que acredito ser uma das mais importantes da vida: o que fazer depois de terminar o Ensino Médio? Percebi que eu estava em um impasse, que hoje vejo que é comum, mas que na época me desestabilizava. Prestar vestibular e Enem ou ingressar diretamente no mercado de trabalho? Sempre soube que queria continuar estudando, não conseguia me imaginar em um futuro, próximo ou distante, fora desse ambiente. Então a resposta para a primeira pergunta eu já tinha – sim, eu iria anos depois prestar vestibular e Enem, mas para qual curso? O que fazer?

Nesse momento, comecei a me imaginar nas mais diversas áreas de estudo, porém o que gostava de estudar me levaria a um caminho que, possivelmente, tornaria-me professora, coisa que na época em nada me agradava. Posso dizer que resisti muito à ideia da licenciatura e mais ainda à de Geografia. Até o final do Ensino Fundamental, o contato com a disciplina na escola não foi um aprendizado prazeroso, as aulas de Geografia eram apenas entediantes, nitidamente não planejadas e inteiramente com o livro didático. Resumiam-se a copiar o texto e a responder às perguntas do livro. Recordo-me de certo momento em que uma docente aconselhou-me a desistir de cursar Física na UFRGS, visto que esse não era um espaço para nós, estudantes de uma escola pública, e que no máximo alcançaríamos uma vaga em faculdade privada muito pouco conceituada, dado que esse era o lugar de estudantes de escola pública; ou deveríamos nos inserir diretamente no mercado de trabalho. A partir desse momento, desmotivei-me significativamente.

No ano seguinte, conhecemos a Profª Helena Bonetto, que contribuiu de forma significativa na minha formação. Ela é formada pela UFRGS e fez o máximo possível para motivar novamente a turma a prestar vestibular e Enem, visto que entendia que estudantes periféricos não só têm o direito à universidade pública, como também pertencem a esse lugar. Novamente, voltei a cogitar a possibilidade de ingressar no Ensino Superior público, porém ainda odiava Geografia (eu realmente odiava Geografia), uma vez que a referência que tive até aquele momento baseava-se em decorar a nomenclatura dos diferentes tipos de geomorfologia e blocos econômicos, conhecimentos que, naquele momento, não faziam sentido em saber, coisas desconectadas do mundo que eu via fora dos muros da escola.

Dessa forma, alguns professores e professoras resolveram levar as turmas do Ensino Médio para uma atividade chamada UFRGS Portas Abertas, no *Campus* do Vale, onde conhecemos diversos cursos de graduação, assim como diversas pesquisas realizadas pelos(as) estudantes da universidade. Nesse *campus* é onde concentra-se os cursos de Licenciatura. Em diversas conversas que realizamos durante esse evento, Helena dizia-me que há uma série de perspectivas dentro da Geografia. No ano seguinte, retornamos ao Vale e, dessa vez, eu estava curiosa sobre essa Geografia que a Helena falava, apresentando-me um mundo de possibilidades. Nesse momento, comecei a pensar melhor na ideia, pois já não me parecia tão ruim assim ser geógrafa (geógrafa mesmo, tendo em vista que a ideia inicial era o bacharel).

Até aqui, você, leitor ou leitora, pode perceber o quanto professores e professoras me influenciaram positiva e negativamente em minha trajetória escolar, e hoje sei que foram essas experiências positivas e negativas que me motivaram posteriormente a ingressar na licenciatura. A decisão final, "farei Licenciatura em Geografia", só foi definida em abril de 2017. Cabe salientar que nesse momento eu já estava matriculada na UFFS e morando em Erechim.

Mas ainda tenho um pouco mais do passado "antes da UFFS" para contar. Em 2016 aconteceu, no Rio Grande do Sul, as ocupações das escolas estaduais das quais participei desde o início, visto que as pautas escolares e de ensino me interessavam. O motivo central da ocupação era o pagamento integral do salário de professores(as), pagamento do piso nacional e melhorias na infraestrutura das escolas estaduais, já que o salário dos professores e das professoras estava sendo parcelado. Muitos e muitas estavam vendendo rifas e outras coisas para conseguir comprar alimento, pagar o aluguel, enfim "dando um jeito" para obter o mínimo para sua subsistência, o que desencadeou a greve. Porém, esse movimento poderia terminar muito antes de se alcançar as pautas previstas. Quase imediatamente, foi ameaçado o corte de ponto de professores(as) grevistas, e a solução encontrada, pelos e pelas estudantes, foi a ocupação, como uma forma de apoio à greve dos docentes. Se quem estava ocupado eram os estudantes, não haveria a necessidade de corte de ponto dos docentes, uma vez que foi uma organização autônoma estudantil de cada escola.

Durante a ocupação de 2016, eu era estagiária na Procuradoria Geral do Estado durante a tarde, pela manhã estudava e à noite não conseguia fazer cursinho, considerando o alto risco de andar sozinha de casa até o cursinho popular mais próximo, o que me levou novamente a cogitar não prestar vestibular nem Enem nesse ano. Como poderia passar ou tirar uma boa nota sem fazer um cursinho em consonância aos (quase) 2 meses de ocupação? Parte das atividades diárias da ocupação era composta por aulas com docentes voluntários e voluntárias da escola, com foco direcionado tanto ao vestibular da UFRGS quanto ao Enem, e me possibilitou ingressar na UFFS no ano seguinte.

Com a abertura do Sisu, novamente a Helena me informou sobre a possibilidade de ir a outra cidade para estudar, algo que nunca imaginei – morar em outro lugar e sozinha. Nesse momento, no último dia de inscrições no Sisu, uma amiga que também estava interessada em cursar Geografia me falou de uma cidadezinha no extremo norte do estado, onde havia uma Universidade Federal nova, e que com minha nota eu poderia ingressar. Porém, só tinha licenciatura, mas talvez no futuro eu conseguiria transferência para UFRGS para Bacharel em Geografia. Como já devem ter notado, essa ideia não durou muito.

Quando cheguei em Erechim, na Universidade Federal da Fronteira Sul, no curso de Licenciatura minha visão sobre ser professora foi se alterando aos poucos e em abril, quando passei em uma das chamadas de vagas remanescentes para a UFRGS, eu me dei conta de que não queria voltar a morar em Porto Alegre, tampouco fazer bacharel. O objetivo agora era ser docente, visto que pude observar como minhas diversas experiências, caminhos e descaminhos, me ajudaram a construir quem eu sou hoje.

Agora, próxima ao final da graduação, me percebo no processo de aprendizado, não como um objeto passivo e inanimado, diferentemente do ensino básico em que eu era mais uma folha em branco, um receptáculo de conhecimento, mas me situando como sujeito com história e leitura de mundo, ativa no meu processo de aprendizado. Por essa razão, penso que se puder fazer a menor diferença para alguém, assim como tive professoras que me apoiaram e me auxiliaram nessa caminhada, já estarei completa.

Acredito que é importante vocês saberem que meus pais não têm os estudos completos. Minha mãe tem o Ensino Fundamental incompleto, e meu pai o Ensino Médio incompleto, eu sou a primeira geração da família a entrar em um curso superior e em uma universidade pública. Nesse sentido, vejam a importância que uma professora pode ter na vida de um e uma estudante. Na minha trajetória, a Profª Helena foi quem deu-me apoio, assim como me apresentou a Geografia, pela qual hoje sou apaixonada. Não quero aqui romantizar esses descaminhos, mas mostrar como foram importantes. E porque hoje a Educação e mais especificamente a Educação

Popular me é cara, como estudante de periferia, sinto que minha responsabilidade social está entre meus pares.

Imagem 1: Formandos e Formandas 2016.

Fonte: arquivo pessoal

Referências

TRECE, C. **La Bala**. 2010. Miami e San Juan: Sony Music Latin. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RuVBjhEQkLo>. Acesso em: 22 de set. 2020.

Memórias de uma classe esquecida

Fatima Aparecida Mendes Dos Santos[20]

O presente memorial tem por objetivo descrever minha trajetória de escolarização do Ensino Fundamental à entrada no Ensino Superior, a partir de uma visão crítica-reflexiva. Espero que, por meio deste, o leitor consiga conhecer um pouquinho de mim e do que tem sido a minha vida.

Trajetória de escolarização

O ano de 1990 foi um ano que seria marcado para minha mãe. Isso não significa que os outros anos de nascimento de meus irmãos não tenham sido, mas me deterei em relatar a respeito desse que, em especial, teve um inverno do qual ela volta e meia lembra-se com certa nostalgia. O dia 24 de julho foi marcado por uma intensa massa de ar frio, fazendo com que a neve caísse sobre a cidade de Erechim. Às 04h45 desse dia nasceu, então, a 9ª filha de uma família que cresceria ainda mais com o passar dos anos. Infelizmente para meu pai, nascera uma menina. Seu primeiro filho com minha mãe foi um menino, mas não sobreviveu e morreu meses após o nascimento.

Digo "infelizmente" porque sempre fui cobrada por não ter nascido menino. Nos outros três casamentos anteriores de minha mãe, os primogênitos tinham nascido menino e sobrevivido, com meu pai foi diferente, ele "deu azar", era o que sempre dizia. Com medo de que sua primeira filha tivesse o mesmo destino de seu primogênito e viesse a morrer, meu pai me deu o nome de Fátima Aparecida Mendes dos Santos, em promessa a Nossa Senhora. A religião sempre esteve presente, embora muitas vezes usada contraditoriamente para justificar muitas das atitudes praticadas por nós.

A casa onde morávamos nos fundos de um beco do bairro São Vicente de Paula era pequena demais para uma família que tendia a crescer. Sempre moramos perto da casa de minha avó paterna, que era, para nós, como o alicerce de uma grande casa. Sua casa era grande, mas, como sempre, um de meus tios sempre esteve dividindo moradia com ela, o que fazia com que a casa se tornasse pequena, mas isso nunca fez com que

perdesse o ar de acolhedora. E embora fosse uma mulher castigada pela pobreza e pelo tempo, sempre contornava a situação e tudo acabava em uma roda de chimarrão.

A primeira mudança que fizemos foi quando eu devia ter uns cinco para seis anos, idade em que marca a iniciação à escola: Escola Estadual de Ensino Fundamental São Vicente de Paula, a qual frequentei durante toda a minha base fundamental. Até a quarta série, atual quinto ano, sempre visualizei a escola como algo mágico, um lugar que tinha todas as condições de eu ser criança, de aprender, um lugar em que havia carinho, atenção, comida gostosa e, principalmente, o lugar em que eu não apanhava por qualquer coisa, embora lembro-me vagamente da régua enorme que minha professora Sandra, da terceira série, usava para bater em nossa mesa caso não entendêssemos a lição que estava sendo passada.

Isso mesmo, o conhecimento era passado a nós, como algo que era dado a quem fosse especial ou inteligente o suficiente para saber pegar, absorver. Mais tarde, fui me dar conta, por meio de leituras freireanas, que esse processo de condução à memorização mecânica de conteúdo, no qual os educandos(as) recebem pacientemente os conteúdos e os reproduzem, é o que se compreende como concepção "bancária" da educação, ou seja, os educandos(as) recebem os depósitos e os guardam para utilizá-los nas provas, que sempre nos foram passadas como se fossem o resultado final de quem conseguiu alcançar o desejado saber.

Nesse primeiro momento de minha infância, lembro-me de brincadeiras até tarde da noite na rua. Saímos do beco para morar na beira-trilho, havia muito mato e grandes pedrarias no lugar que mais tarde, mal sabia eu, seria o lugar onde hoje moro com minha família.

As brincadeiras de infância se resumiam a jogar bola na rua, fazendo de nossos chinelos as próprias travas de gols que removíamos assim que algum veículo fosse avistado, o que era muito raro acontecer; afinal, aquela era uma vila de pessoas trabalhadoras, e nesse período histórico os trabalhadores não se davam a tal luxo, nem poderiam, pois seus salários mal davam para pagar o que comer. Os meninos adoravam jogar bolita, o que não me agradava muito, confesso. Sempre fui uma negação na mira daquelas minúsculas bolinhas de gude.

O que me atraía era poder ir correr ao campo, principalmente depois dos dias de chuva em que se formavam pequenos encharcos sobre as pedras, criando o que para nós eram piscinas naturais, e a brincadeira de caçar rã, que muitas vezes terminava em um churrasquinho improvisado por um de meus amigos, especialista nessa arte. Desde que eu era muito pequena, minha avó sempre nos levou junto dela para buscar lenha, catar tocos de árvores, para poder cozinhar nosso alimento e aquecer nossa casa, que sempre fora de madeira.

Mas nem tudo era belo, e a vida real nem sempre vai de acordo com nosso gosto. Minha mãe, grávida do 11° filho, descobriu a traição de meu pai, e parece que esse

foi um marco do qual eu sempre quis me esquecer. Talvez pelo fato de essa ter sido a causa da mudança que iríamos fazer novamente e que alteraria tudo em nossas vidas, ou aquilo eu entendia por vida.

Marinez de Souza Ribeiro da Silva, esse é o nome de casamento de minha mãe. Por ter sido casada no civil e ficado viúva duas vezes, sempre conservou o nome de viúva de seu casamento, ou talvez pelo fato de esse nome lhe trazer a garantia de independência de seus maridos, além da garantia de que de fome ela e os seus não morreriam. Foi assim que, em 1998, minha mãe resolveu largar tudo.

Meu pai se afundava cada dia mais na bebida, meu irmão mais velho começou a ter envolvimento com drogas, passou a ser perseguido, nossa casa chegou a ser alvo de tiros e, por causa de brigas e dívidas de meu irmão que, já nessa época, era maior de idade, embora ainda morasse em um cômodo de nossa casa, separado por uma parede de madeira. Presenciávamos tudo, com medo, envolvidos em uma adrenalina que não sabíamos como controlar, ao mesmo tempo em que eu me questionava: por que tínhamos que pagar por algo que nem sabíamos o que era?

> *O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e afrouxa, sossega e desinquieta. O que ela quer da gente é coragem (ROSA, p. 334).*

Coragem foi o que minha mãe teve por todos nós. Comprou um pedaço de terra às margens da Br 153, cento e cinquenta reais foi o que ela pagou em três parcelas. Montamos um barraco de lona de caminhão e ali ficamos alguns meses. No chão batido, dormíamos em uma caminha que nem de solteiro era, dormíamos em dois, um para cima e outro para baixo. Minha mãe dormia na cama de casal ora com dois, ora com três de meus irmãos. A cama, por ser de fero, soterrava-se no chão de terra. Foi ali que aprendi o valor da palavra CONQUISTA. Ali deixamos de ter tudo e conquistamos tudo.

Foi ali, embaixo da lona, que aprendi a ver as estrela e a sonhar, pois não tínhamos energia elétrica nem televisão. Ali aprendi a plantar. Meu irmão Cristiano, um dos mais velhos que eu, estudava na escola Nossa Senhora da Salete, que era uma escola agrícola. Vinha para casa apenas nos fins de semana, era com ele que aprendíamos a plantar as hortaliças, temperos e até milho verde. Lembro que, quando o milharal estava grande, servia para nos esconder quando brincávamos de pega-pega. Não tinha mais jogo de bola na rua, mas tínhamos uma bica e um açude só para nós, onde brincávamos depois de nossas tarefas.

Foi ali que aprendi a lavar roupa na bica, colocar a roupa para quarar no sol, até ficar fácil de limpar a sujeira que impregnava com uma facilidade incrível. Após lavar as roupas no tanque próximo da bica de água, tínhamos que subir uma ladeira, então colocávamos as roupas nos baldes e às vezes em um tambor cortado ao meio,

que puxávamos com uma corda como se fosse um carrinho de roupa. Ao chegar em casa, rezávamos para o varal de arame farpado não cair no chão, pois, se isso acontecesse, além de a gente ter que descer a ladeira e lavar tudo de novo, certamente uma surra de vara da nossa mãe nos aguardaria calorosamente.

Foi ali que vi minha mãe ser forte, muito forte. Quando perdemos nosso irmão – Fabiano era o mais velho do segundo casamento de minha mãe –, sua morte foi como um trovão que cai em noite de ventania, que nos arrasa e nos deixa sem saber o que fazer, dizer, como lidar. Aos quinze anos, apesar de saber nadar muito bem, foi enganado pelas águas rasas do Guaíba e morreu afogado, e isso nos abalou muito. Mesmo longe, mesmo não sendo meu irmão de sangue, mesmo não convivendo diariamente com a gente, sua morte nos tomou profundamente.

Lembro-me de minha mãe dizendo a um parente que viera lhe acalmar e desejar força: "Não tenho mais nada a fazer, agora preciso cuidar dos que estão vivos!". Fiquei com isso muito tempo em minha mente, cuidar dos que estão vivos! Em meio aos prantos de meus irmãos em volta do caixão lacrado. Não sei quanto tempo depois, minha mãe aceitou meu pai novamente em casa. Em menos de um mês, meu pai e seus companheiros de trabalho levantaram uma casa de madeira parecida com a que tínhamos no bairro São Vicente. E tudo parecia ter voltado ao "normal".

Meu pai fazia entregas, serviços gerais e também catava materiais recicláveis, e minha mãe sempre gostou de guardar livros, discos, quadros, e foi aí que comecei a me interessar pela leitura. Já estava na quarta série e me fascinava saber que, por meio da leitura, eu poderia conhecer lugares diferentes sem sair de casa. Infelizmente, isso sempre foi motivo de piada em casa, por parte de meus irmãos.

Os livros que meu pai achava e que minha mãe guardava serviam para que eu lesse em horas noturnas. Digo horas noturnas porque o dia era completado de atividades manuais caseiras, como cuidar de minhas irmãs mais novas, fazer o almoço, limpar a casa, lavar a roupa, varrer o terreiro que, apesar de ser de terra, sempre era varrido, para que não tivesse sujeira nem folhas que fizessem com que o ar do lote estivesse desarrumado. Meu pai sempre foi muito rigoroso e fazia questão de que o chão da casa fosse encerado com cera vermelha, e gostava que o assoalho ficasse brilhando. Para isso, ficávamos agachados de quatro, esfregando aquilo, sem que fizesse sentido. Para mim, parecia sem sentido alguém esfregar até ficar brilhando, sendo que, assim que alguém pisasse, sairia o brilho novamente.

Mas quando se é criança, não se questiona um adulto, principalmente se esse adulto não tiver muita paciência e se estiver com uma varra de amora em sua mão, indicando o que quer que seja feito, seja o que for. Mas, como vinha contando, foi nesse período que comecei a ter mais acesso à leitura. Apesar de a escola ter biblioteca, os livro de lá sempre me soaram sem graça. Por duas vezes, quase incendiei a casa; na primeira eu estava lendo um livro deitada na cama que dividia com minha

irmã Cristiane, que ficava na parte de cima da beliche, e na parte de baixo dormiam meus irmãos Filermon e Suzani. Havia firmado a vela na cabeceira da cama, e acima de nossa cabeceira havia um varal com roupas penduradas. Na parede havia um carpete pregado que impedia o vento de entrar na casa. Adormeci e quando acordei o fogo havia se alastrado.

Os gritos tomavam conta do espaço, meu pai tentava apagar o fogo com as mãos em volta de um pano, e minha mãe jogava baldes de água. Após apagarem o fogo, fui sacolejada por minha mãe, que me perguntava a todo momento se queria matar a todos dormindo. Lembro de minha irmã me culpar por querer ficar lendo aquelas porcarias de livros. Lembro também de ser proibida de ler à noite. Mas sempre que podia fazia às escondidas, com medo de ser descoberta. Foi assim que houve a segunda vez, mas com menos perigo, porque o fogo não teve tantas proporções como na primeira vez, porém o castigo foi o mesmo.

Por estar em constantes brigas por causa dessa minha teimosia em querer saber, eu fui aos poucos substituindo os livros pela bola. A partir da quinta série, me inseri nos grupos de futebol e, como que quem se esconde, criei uma certa carapaça, parecia mais um menino do que menina, usava calças largas cheias de bolsos, camisas largas e tinha poucas amigas, sempre muito metida para não ser confundida como uma "menininha".

Foi na quinta série que reprovei, única vez que reprovei no currículo escolar, por causa de uma cirurgia nas amígdalas. Fiquei por um bom tempo longe das salas de aula. Acabei ficando para trás da turma com a qual eu sempre havia estudado e fui formando outro grupo de amigos. Éramos apenas quatro meninas na turma, e isso talvez tenha contribuído muito para que eu agisse de forma agressiva. Ao mesmo tempo, eu usava essa minha agressividade para defender os mais fracos, como uma colega magrela que todos apelidavam de Genésia e que tinha muito medo dos meninos, ou então outro que tinha má formação nas pernas e tinha muitas dificuldades de andar e que todos invejavam, porque ele era muito inteligente.

Apelidavam-me de Batman, capitão, por ser durona com os garotos e nada feminina. Jogava bola no time masculino e cumprimentava os meninos com um balançar de cabeça. Todos me respeitavam, e se a bagunça estivesse de mais, a professora sempre recorria a mim, com queixas e reclamações, por não poder dar sua aula, então eu falava com a turma com uma voz de pouca paciência e tudo se resolvia. Na verdade, infelizmente eu sempre soube que eles tinham medo de mim.

Felizmente, essa fase durou apenas até a oitava série. Em 2006 cursei o primeiro ano do Ensino Médio na Escola Normal José Bonifácio, no turno da noite, porque durante a manhã e em algumas tardes tinha que concluir o curso de informática em que minha mãe havia me matriculado, eu e minha irmã Cristiane. Infelizmente, ela não conseguiu concluir. Nesse período, a tecnologia estava ganhando um espaço

incrível, todos aqueles computadores e os celulares que hoje parecem coisas de museu eram o que de mais tecnológico existia.

Foi nesse período que conheci um compadre de minha mãe que era envolvido com o MAB[21]. Comecei a participar de algumas reuniões que falavam tudo sobre as desigualdades e de que forma poderíamos ajudar uns aos outros. No início, achava tudo aquilo uma grande bobagem, mas depois fui me encantando de tal maneira, que assumi uma turma de jovens e adultos, da qual minha avó, Dona Madalena (***in memorian***), analfabeta, dentre outros adultos – todos moradores da vila, que crescera muito desde a nossa chegada. Em 2007, foram formadas quatro turmas dessa modalidade, e eu nem acreditava que podia estar sendo protagonista de uma mudança que até então me parecia tão distante, como ensinar minha avó a escrever seu nome, além de outras coisas que pareciam ser sem importância, mas que me tornavam grande a cada conquista minúscula.

> *Que tipo de homens a fase revolucionária em que vivemos atualmente (e que será provavelmente longa) exige de nós? À pergunta podemos dar a seguinte resposta: A fase em que vivemos é uma fase de luta e de construção, construção que se faz por baixo, de baixo para cima, e que só será possível e benéfica na condição em que cada membro da sociedade compreenda claramente* ***o que é preciso construir e como é preciso construir.*** *A solução do problema exige a presença e o desenvolvimento das seguintes qualidades: 1) aptidão para trabalhar coletivamente e para encontrar espaço num trabalho coletivo; 2) aptidão para analisar cada problema novo como organizador; 3) aptidão para criar as formas eficazes de organização (PISTRAK, 2000, p.4, grifos do autor).*

Havia algo novo dentro de mim, algo que me esperançava, apesar de o cenário não ser o melhor. Foi nesse ano que o movimento indicou meu nome para o Curso Técnico em Saúde Comunitária, turma 3 no Instituto de Educação Josué de Castro, localizada em Veranópolis – RS. Tive o privilégio de estudar o Ensino Médio na escola do MST, que se prima pela participação dos educandos, uma escola que valoriza as indagações, curiosidades e perguntas em sala de aula, uma escola em que o educador(a) ou o próprio educando(a) que inibe os colegas em sala é repreendido pelo coletivo. Foi ali que aprendi que o indivíduo se faz no coletivo. Foi nessa escola de autogestão dos educandos(as) que aprendi que o conhecimento não é algo transferido, mas que podemos criar as possibilidades para sua própria produção ou construção na relação entre educador(a) e educando(a).

O nascimento de minha filha Nara, hoje com 8 anos, fez com que por alguns anos eu tivesse outras prioridades desde o seu nascimento. Mas em 2013 eu e meu companheiro decidimos, juntos, que estava na hora de eu voltar às salas de aula,

21 Movimento dos Atingidos por Barragens.

agora em uma graduação, mas seria preciso me desafiar a conciliar trabalho, família e momentos de estudos para encarar o Enem.

Obtive uma nota que me possibilitaria entrar no curso de Licenciatura em História, UFFS *Campus* Erechim, entretanto, no ato da minha matrícula, fui surpreendida pelos funcionários da secretaria acadêmica com a informação de que a modalidade escolhida (L1[22]) era incongruente com a classificação do Instituto Josué de Castro – apesar de seu orçamento ser mantido e ter proveniência de recursos públicos, esse instituto é classificado como escola privada – e que deveria ter observado o edital da UFFS. Neste, eu entraria com a vaga de ampla concorrência pelo Sisu[23] e pela ação afirmativa V350[24].

Nesse instante, percebi que a universidade ainda é um espaço para poucos, ainda há muita luta a se fazer para que locais como esse se pintem de gente. E por quatro anos minha entrada na universidade foi adiada, o tempo de uma graduação inteira se passou para que eu novamente pudesse ter as condições de voltar a pensar em voltar às salas de aula. Muito se passou em minha vida, somente em 2017 pude ingressar de fato no *Campus* Erechim, no Curso de Licenciatura em Ciências Sociais, e infelizmente passei a fazer parte da pequena parcela da sociedade que tem acesso a esse nível educacional. Digo infelizmente porque vivemos em uma sociedade capitalista que se baseia no individualismo, e é nesse sentido que compartilho com Freire quando ele nos diz:

> *Ninguém pode ser, automaticamente, proibindo que os outros sejam. Esta é uma exigência radical. O ser mais que se busque no individualismo conduz ao ter mais egoísta, forma de ser menos. De desumanização. Não que não seja fundamental – repitamos – ter para ser. Precisamente porque é, não pode o ter de alguns converter-se na obstaculização ao ter dos demais, robustecendo o poder dos primeiros, com o qual esmagam os segundos, na sua escassez de poder (FREIRE, 2005, p.86).*

Devo meus agradecimentos a toda a coletividade do Movimento Sem Terra e do Movimento dos Atingidos por Barragens, que esteve, durante todo o período em que estive entre idas e vindas, tempos escolas e comunidades (Pedagogia da alternância), junto a mim com o desejo de mudar, de revolucionar, de aprender e ensinar, e à minha família, que tem aos poucos aprendido a ver a importância dos estudos e da educação para o processo de formação humana.

22 Modalidade de vagas do Sisu que classifica os candidatos com renda familiar bruta per capita ou inferior a 1,5 do salário-mínimo; que tenham cursado gradualmente o Ensino Médio em escolas públicas.

23 Sistema de Seleção Unificada.

24 Modalidade de vagas reservada a candidatos que tenham cursado parcialmente o Ensino Médio em escola pública (pelo menos um ano com aprovação) ou escolas de direito privado sem fins lucrativos, cujo orçamento seja proveniente do poder público em pelo menos 50%. Não se enquadram nessa modalidade candidatos que tenham cursado o Ensino Médio integralmente em escola pública.

Referências

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 44. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

PISTRAK, M. M. **Fundamentos da Escola do Trabalho.** São Paulo: Expressão Popular, 2000.

Descontinuidades: "enquanto o caos segue em frente com toda a calma do mundo"

Luíza Zelinscki Lemos Pereira[25]

A história do conceito do Diabo tem profundas implicações para a teologia histórica, Deus, anjos e o Diabo não têm história [...] (Lúcifer: o diabo na Idade Média)

Revisar as fragmentações do que são nossas memórias é parte da constituição de movimento constante que somos. Partindo de uma questão contrária ao plano cartesiano, é imprescindível destacar que o futuro de um determinado passado ao qual estamos inseridas e inseridos não é um processo linear, mas uma conjuntura que nos encaminha, sempre, na direção do imperfeito. Portanto, voltar o olhar para o pretérito é recuperar um sentido de vida que nos pauta como diferentes, como não existe certo ou errado, talvez para melhor.

Pensar o ingresso no Ensino Superior sempre foi um aspecto necessário; filha de uma funcionária pública e de um funcionário público, o caminho universitário permanece no discurso familiar como a representação do espaço de ascensão e estabilidade financeira. Adjunto está o estímulo à independência, inserido na lógica do sistema capitalista que restringe, a determinados corpos, formas limitadas de escape do destino ao qual seres desviantes do padrão falogocêntrico estão, historicamente, empregados.

Pautando, sempre pelo ponto de vista interseccional, seguramente é possível identificar em traços e falas as lacunas de um passado usurpado. Partindo da construção de diálogos soterrados pela sociedade, compreender a representação do meu eu na posição de agente político e sujeito de minha própria história parte do ato de visualizar na Universidade e no ensino a atenção para o que me forma como questionadora de tudo que é dado como pronto, acabado e silenciado. Colocar meu corpo no centro da discussão é valorizar uma cultura e uma etnia apagada, varrida da memória e que perdeu no tempo a ponte que transcende minha hereditariedade.

Os processos de reconhecimento de lugar e atuação frente aos paradoxos e incoerências do *cosmos* só foram possíveis de vir à tona por meio da ótica universitária,

em especial a Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) ***Campus*** Erechim, e as discussões de matriz freireana impulsionam um ir além do sujeito que somente consente sem perceber o mundo. O PET Práxis Erechim simboliza a mediação do despertar da consciência e da criticidade para o incentivo de voos maiores. A vida percebida como obra de arte simboliza o encontro da valorização de pessoas e de relações que, por muitas vezes, são belezas sem escopo, precedidas de uma historicidade abstrata e de mau gosto.

Antes de entrar para a História, conto, aqui, meus privilégios como não primeira geração a cursar o Ensino Superior. Meu pai é formado em História; minha mãe formada em Letras; meu irmão, Pablo, é Doutor em Letras; minha cunhada, Taíse, Mestra em Biologia; e minha irmã, Fabiana, formada em Direito. E isso tem um peso fundamental para os incentivos ao ingresso na Universidade. Uma certeza sempre existiu: a de ser docente. Um dia, ainda pequena, aos dez anos, refletindo sozinha, como sempre costumei fazer, pensei comigo mesma: "Gosto tanto da escola, de estudar e das pessoas, o que eu poderia fazer que englobasse tudo isso? É isso, serei professora!".

Os incentivos familiares contemplam mais do que estudar. Minha mãe e meu pai sempre me incentivaram a cantar e a tocar instrumentos. Quando pequena, integrei um coral infantil, fiz aulas de teclado e violão, a partir de um projeto social implementado pela prefeitura de minha cidade natal – Osório/RS. Alice, minha mãe, ensinou-me a andar de bicicleta e todas as atribuições de ciclista no âmbito do trânsito, apesar de, curiosamente, por ironia do destino, nunca ter andado em uma. Enquanto o maior incentivo de meu pai, Rúben, sempre se movimentou no sentido futebolístico – seu amor pelo futebol necessitava ser transmitido, e nenhum dos outros filhos e filha encarou com tanta seriedade essa paixão.

Recuperando e rememorando as origens do processo escolar específico, se torna indispensável contextualizar que muitas dessas lembranças são falhas. Do pouco que recordo, adorava estudar funções – minha realização foi aprender a fórmula de *Bhaskara*. Em uma de minhas agendas da escola, tenho marcado um bilhete direcionado a meu pai e minha mãe com a seguinte descrição: "Luíza estava no banheiro, com duas meninas e um menino, na hora do intervalo, 'estudando funções'". Vale ressaltar que esse cenário estava posto em um banheiro determinado como feminino, são nítidas conclusões que acusem a binaridade de gênero e suas demarcações de espaço estabelecido pela colonialidade de mentes e corpos em diversos espaços, principalmente onde a regra pauta pela "disciplina" – a escola.

Por meio das confluências e composições que trazem à deriva indagações e a perspectiva de prisma acerca do mundo, cabe ressaltar as influências de cada lugar e culturalidades que marcam o espaço-tempo de inserção, impulsos e vontades referentes a cada segmento. No Ensino Médio, concomitante ao curso Técnico em Agropecuária, o desejo em seguir no ramo pecuário era uma expectativa. Com

ufania, reflexiono em razão da trajetória como estudante de um Instituto Federal, O IFF *Campus* Alegrete, e percebo o privilégio de estudar em um ambiente voltado à Educação Popular, o que só me cabe, hoje, a possibilidade de perceber isso.

Após o término do curso profissionalizante, estagiei na cidade de Itapiranga – SC, no ramo da Suinocultura. Com o retorno e pós-defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), permaneci em Alegrete, frequentando o primeiro semestre de graduação em Zootecnia. Antes mesmo de completar o primeiro semestre, desisti do curso – algo dentro de mim se mantinha inquieto. Isso desencadeou uma mudança no percurso: morei um tempo com meu irmão Pablo, minha cunhada Taíse e meu sobrinho Miguel em Cerro Largo/RS, estudando em um pré-vestibular.

Refazendo provas e criando expectativas outras, fui aprovada para o curso de Medicina Veterinária em Pelotas/RS, o que coincidiu com o rompimento da união entre minha mãe e pai. Nesse mesmo período, Alice também almejava adentrar o Ensino Superior novamente. Com o resultado dos exames, ela ingressava, corajosamente, no curso de Arquivologia, na Universidade Federal do Rio Grande (FURG) – estudante, trabalhadora e mãe. Analisando o contexto e os acontecimentos, os desígnios da experiência me direcionaram para acompanhar o trabalho e as aulas e compartilhar conhecimentos. Juntas, até organizamos, de forma arquivológica, a seção de documentos da secretaria na Delegacia de Polícia onde minha mãe atuou enquanto moramos em Rio Grande/RS.

Ao mesmo tempo em que minha mãe se dedicava ao curso de Arquivologia, voltei minha atenção, novamente, ao vestibular. A decorrência dos eventos transformou a paisagem delineada em reviravoltas. No ano de 2015, minha inscrição no Enem, devido a um erro do sistema, havia desaparecido, e isso significou a não realização da prova. A frustração pôs meu foco na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que nunca tinha sido vista, por mim, como uma possibilidade. Passei na UFRGS, curso de Matemática, mas não cheguei a completar um semestre da graduação – uma Educação, pontualmente, Bancária arrefeceu o latejo de prosseguir na área.

Pablo, professor da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) – *Campus* Cerro Largo, uma vez contou-me como era nova a universidade, popular, concebida por meio da luta dos Movimentos Sociais, e de como os professores e as professoras tinham diferentes trajetórias. É, de alguma forma, enigmático o anseio pelo curso de História. Minha primeira memória é direcionada para a descoberta de um livro no valor de R$4,00 e minha consequente sensibilização com a descrição da contracapa – Histórias íntimas: Sexualidade e Erotismo na História do Brasil, da historiadora Mary Del Priori. De certa forma, a temática continua a gerar pulsões e instigação.

Articulando minha permanência no curso de Licenciatura em História, revejo a não identificação com os demais cursos com os quais me envolvi. Parte disso se deve, principalmente, ao receio cristalizado pela valorização insuficiente das áreas de Humanidades, gritantemente insuflado pela caracterização errônea das Licenciaturas,

que, por muito tempo, significou um desprendimento para com a Pesquisa. Ainda em processo, desmistificar a Licenciatura como área não abrangente e promotora da Pesquisa e do Ensino é responsabilidade de docentes em formação.

Questionando os lampejos à formação de licencianda, caracterizo as educadoras e os educadores que mediaram diálogos, debates e incentivos como aportes fundamentais para elaboração dos anseios que formam minha existência intelectual e planejamentos. Didáticas, afeições e admiração perpassam as experiências conectadas desde a Educação Infantil até a circulação na universidade e em seus diversos espaços. Conto como privilégio aulas de Educação Física em que o ponto fora da curva foram aulas de Capoeira, contrariando toda uma perspectiva enrijecida que rejeita esportes não tradicionais e a convenção estrutural de racismo e negacionismo, que são impeditivos para que haja esse tipo de trabalho em ambientes escolares.

Como fomento do Grupo Práxis, movimentar-se por lugares distintos, explorando a Universidade e suas possibilidades, e vivenciar não só o curso, mas a estrutura da UFFS, são formações substanciais para transpor e transcender o conhecimento. Dessa forma, descoloco o olhar para a integração e a participação como voluntária no Centro de Documentação e Laboratório de História Oral (Cedoc e LHO), enaltecendo as potencialidades que permitem que meu corpo, minha voz e meus saberes sejam latências que transcorrem para além das salas de aula.

Externando uma revisão acadêmica e estrutural, é apropriado demarcar pessoas e circunstâncias. Morei um tempo em pensão e ficava completamente sozinha, as outras meninas que ali moravam só voltavam à noite para casa, horário de minhas aulas. Até receber um convite para uma provável mudança, sinalizando a incerteza, aceitei a proposta. Uma decisão acertada e pertinente, já que Thífany tornou-se um símbolo de amparo e estímulo. Viver a universidade e todos os outros âmbitos que são parte da presentificação de nossos inúmeros "eu" não são possíveis individualmente. Faço apologia grifando, também, o nome de Ana Paula e meu êxito em identificar-me com vocês. Reconheço o mérito de Thífany ao me incentivar a participar do processo seletivo do Programa de Educação Tutorial, que se expande para este escrito.

As discussões que permeiam a escolarização vêm à tona intensificadas pela lógica posta como universal. Descrever sobre corpos, sobre uma política e um Cuidado de Si partem das nossas relações sociais e dos prismas com os quais nossos olhares múltiplos e dissidentes percorrem uma Leitura de Mundo. Portanto, a prática de escrita de Memoriais Formativos parte do pressuposto de que nos reconheçamos como seres políticos em formação e inacabados, destinados ao movimento permanente – inconstâncias localizadas em espaços-tempos indefinidos marcados pela intencionalidade de grupos dominantes que prezam pela nossa ignorância e pela não percepção de nossas trajetórias.

Parte III

NOVOS DESAFIOS

Tempos de replanejamento na pandemia: desafios diários das(os) bolsistas do PET Práxis Conexões de Saberes – Licenciaturas

Isaura Welker[26]

Jeann Medeiros da Silva[27]

À medida que as dificuldades da vida acadêmica se deparam com o estudante, a adaptação é parte do processo, muitas vezes de forma imediata, automática. No Programa de Ensino Tutorial – PET Práxis Conexão de Saberes, não se faz diferente. Todos e todas buscam, nos eixos, ensino, pesquisa e extensão, um aprimoramento acadêmico, cada bolsista com suas especificidades, diferenças e vontades distintas. As dificuldades são uma constante na vida do e da estudante, porém esse desafio não é igual para todas e todos. Manter a saúde mental e lidar com problemas financeiros são algumas das dificuldades encontradas na vida acadêmica de muitos e muitas estudantes em situações normais dentro da universidade.

A quarentena por causa da pandemia do coronavírus não é igualitária. Boaventura, em *A cruel Pedagogia do Vírus* (SANTOS, 2020, p. 15), diz que a quarentena "[...] é sempre discriminatória, mais difícil para uns grupos sociais do que para outros e impossível para um vasto grupo de cuidadores, cuja missão é tornar possível a quarentena ao conjunto da população". Sendo assim, se em casos normais já existem desigualdades dentro da vida acadêmica — com estudantes que possuem mais dificuldades que outros e outras —, se observa que durante a pandemia existe um alargamento dessa situação, mostrando de forma cada vez mais nítida as desigualdades das pessoas ao "Sul da quarentena", como chama Boaventura (SANTOS, 2020, p. 15).

---

26 Estudante de Licenciatura em Pedagogia e Bolsista do Grupo PET Práxis/Licenciaturas, modalidade Conexões de Saberes da UFFS Campus Erechim (FNDE).

27 Estudante de Licenciatura em Filosofia e Bolsista do Grupo PET Práxis/Licenciaturas, modalidade Conexões de Saberes da UFFS Campus Erechim (FNDE).

Realizamos um levantamento exploratório com os(as) bolsistas e o tutor do PET Práxis Conexões de Saberes – Licenciaturas, para saber a realidade enfrentada diariamente por eles e elas para conseguir cumprir com a carga horária exigida pelo Programa. O levantamento se deu por meio de duas perguntas, que foram encaminhadas via WhatsApp: a) Quais são as principais dificuldades que você enfrentou para realizar as atividades remotas do PET Práxis? b) Como você se sente sendo avaliada(o) pelo MEC no final do mês se teve ou não um bom desempenho no Programa? Tendo em vista que a avaliação começou no período pandêmico. Cerca de 60% do nosso Grupo participou do levantamento em caráter exploratório.

Por meio do levantamento, analisamos que, pelo fato de o nosso Programa PET ter grande parte dos(as) estudantes oriundos(as) de camadas populares, para quase todos(as) os(as) bolsistas, a maior dificuldade enfrentada foi a falta de conexão com a Internet. Além disso, muitos e muitas sofreram com a falta de aparelhos adequados, como notebook ou smartphone, que comportem a realização das atividades desenvolvidas. Além dessas dificuldades de conexão citadas, o tempo climático inúmeras vezes altera a qualidade do sinal de internet, isso também acaba afetando diretamente os(as) estudantes.

Também no nosso grupo, temos a presença de uma pesquisadora e mãe. Ser mulher, ser mãe, ser dona de casa exige grande dedicação. Enquanto a bolsista realiza as tarefas do Programa, se depara com todos os afazeres domésticos e com a sua filha precisando de auxílio para realizar as atividades escolares, que agora são muitas. Também temos colegas que têm criança pequena em casa, o que dificulta muito a concentração e acaba afetando diretamente o bom desempenho nas atividades.

Estamos vivendo tempos extremamente difíceis. O medo da morte vem crescendo a cada dia e, junto com ele, vêm os problemas emocionais. Só no Brasil o número já ultrapassa 150 mil mortes. Vivenciamos a perda de membros da família de um dos nossos bolsistas e tudo isso afeta psicologicamente todos e todas. Para uma das bolsistas, a maior dificuldade enfrentada é a vontade de levantar-se da cama. Estamos cada dia mais assustados e assustadas e não sabemos quando isso vai ter um fim.

Sobre a questão dois, podemos considerar que é típico de programas com financiamento público a prestação de contas de suas atividades. No caso do PET, nós temos uma prestação de contas anual, assim como a avaliação do planejamento do próximo ano e o relatório das atividades do período anterior. A pandemia alterou o planejamento e houve preocupação por parte do gestor do MEC com a manutenção das atividades dos grupos PET.

Passamos a responder a questões administrativas sobre desempenho para a homologação mensal das bolsas no SIGPET no início de 2020. Em março, passamos a ser monitorados com o envio de relatório mensal para aprovação do CLAA. Temos que comprovar que estamos trabalhando pelas vias remotas. Registre-se que não

tivemos apoio de qualquer natureza com equipamentos e conexões, assim como não recebemos ainda a verba de custeio 2020 e convivemos com o atraso de bolsas. Temos que seguir trabalhando, nos reinventar e comprovar sem ter o apoio devido. Isso gera tensões e receios.

Grande parte dos(as) bolsistas acredita que o MEC não pesa o aspecto humano nessa avaliação. Como estão os e as estudantes, todos e todas têm acesso à Internet? Como está sendo a pandemia para cada um e cada uma individualmente? O que importa ao MEC é apenas a produção acadêmica de qualidade, mas não as condições em que esses estudantes estão, se têm um lugar apropriado para estudo, se têm aparelhos tecnológicos para realizar as atividades etc.

Lembrando, também, que é muito difícil pensar em produção acadêmica nesse período e mais difícil ainda com tantas incertezas sobre a bolsa. Afinal, precisamos nos alimentar, pagar aluguel, comprar livros, enfim, subsistir. E com essa frequente incerteza, não está sendo fácil. Essa avaliação do MEC poderia se dar de outras formas, levando em conta a saúde e a estabilidade dos estudantes, não apenas a produção. Se tivesse essa perspectiva mais humana, poderíamos ter um panorama geral da saúde e da estabilidade de cada bolsista no país, e não apenas o que eles e elas estão produzindo.

A ampliação das dificuldades já impressas no cotidiano das e dos estudantes se faz decisiva na tomada de decisão deles e delas, para escolher uma entre tantas questões fundamentais, como buscar alimentos acessíveis, manter uma saúde mental, lidar com as demandas financeiras e, atualmente, conseguir acesso a dispositivos eletrônicos para que possam acompanhar as aulas de forma remota, além de atividades extracurriculares necessárias. Assim, torna-se cada vez mais importante o apoio tanto de colegas quanto de uma comunidade acadêmica que se preocupe com a qualidade de vida dos e das estudantes em conjunto com a produção.

Referência

SANTOS, B de S. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Almedina, 2020.

Alternativas e inovações do PET Práxis frente ao cenário pandêmico

Luíza Zelinscki Lemos Pereira
Thífany Piffer

Não é de hoje que surtos, epidemias, pandemias e endemias fazem parte da nossa história. Hoje enfrentamos a crise relativa ao vírus Sars-CoV-2, popularmente identificado como covid-19, que contabiliza 148.957 vidas perdidas no Brasil até o momento. Aqui, se faz necessário demarcar que pessoas não são números. Toda vida tem um nome, um cheiro, uma risada, uma família, um amor, sonhos. Toda vida é uma história. Hoje, 08 de outubro de 2020, em nosso país, faleceram 729 pessoas. Cada uma delas era o amor de alguém.

Assim, por estarmos no âmago de uma pandemia mundial, que explora novas possibilidades de atividades e reinterpreta as relações sociais, o Grupo Práxis – PET Conexões de Saberes/Licenciaturas da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) ***Campus*** Erechim (RS) também busca ambientar-se às novas potencialidades de atividades construídas em meio à crise de pandemia.

Diferentemente da realidade retratada pelo Ministério da Educação (MEC) na peça publicitária intitulada *Enem 2020: o Brasil não pode parar!*[28], uma parcela descomunal da população brasileira não tem acesso aos mesmos arranjos, infraestruturas e tecnologias daquelas apresentadas pelas e pelos jovens que atuaram na campanha midiática em questão. A vida não pode parar? É preciso ir à luta, se reinventar, superar, estudar de qualquer lugar, de diferentes formas? Dias melhores virão? Para quem? A partir de dados do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IBGE)[29], sabe-se que, no Brasil, mais de 10 milhões de pessoas passam fome. A desigualdade social continua, dia após dia, a se reafirmar como regra. Concatenado a isso, é válido atentar ao fato de que as e os estudantes que compõem o Grupo Práxis partem das classes populares. Sendo assim, como apresentado no desenvolvimento anterior, muitas são as condições históricas, sociais e estruturais que limitam as possibilidades de circulação das e dos bolsistas nos espaços virtuais de debate.

Segundo o Mobiliza PET, fundado com o intuito de lutar pela valorização do Programa de Educação Tutorial, diversos grupos PET espalhados pelo Brasil estão dando continuidade às suas atividades e até mesmo reinventando-as. Dessa forma, frente aos desafios e às dificuldades impostas pelo cenário pandêmico, fez-se necessário imaginar e arquitetar alternativas e inovações no que se refere às ações do Grupo Práxis. Assim, algumas atividades foram reformuladas e reorganizadas, ao passo que outras foram criadas. *Quero Entrar na UFFS Virtual*, *Grupo de Estudos*, *Travessias*, *PET em Movimento*, *Formação em Metodologia da Pesquisa, Curiosidade Reflexão Escrita*, *PET – Elos Virtuais* são exemplos de ações que fazem parte da gama de forças propulsoras que são pensadas e originadas pelo quadro de bolsistas que compõe o grupo atualmente.

No dia 15 de março de 2020, tudo parou. Um comunicado de autoria da Reitoria da UFFS asseverava as informações que já pairavam no ar, que já circulavam no "diz-que-diz", nos murmurinhos da universidade: suspensão de todas as atividades acadêmicas presenciais por tempo indeterminado. Nesse momento, o evento intitulado *Quero Entrar na UFFS*, desenvolvido anualmente pelo Grupo Práxis, que tem por objetivo apresentar uma universidade pública federal ao alcance da mão para as e os estudantes das escolas da 15ª Coordenadoria Regional de Educação (CRE), já estava no horizonte. Já que oportunizar uma visita guiada aos diferentes espaços da universidade mostrava-se, nesse momento, fora de alcance, optou-se por não cancelar a atividade, mas sim modificá-la.

Em meio a esse contexto, esboça-se o *Quero Entrar na UFFS Virtual* por meio de vídeos compartilhados nas redes sociais do grupo[30]; aconteceram diálogos sobre temáticas que envolvem o acesso e a permanência das e dos estudantes na tão sonhada e, por vezes, inacessível, universidade pública. O que é uma Universidade Federal? O que é o PET? O que é o "Quero Entrar na UFFS?" Como ingressar na UFFS? Assistência Estudantil? Bolsas? Estrutura da UFFS Erechim? Quais são os cursos de Graduação e Pós-Graduação presentes no *Campus* Erechim? Essas foram algumas das questões articuladas e desenvolvidas. O canal do PET Práxis no YouTube, criado durante o momento pandêmico, conta, hoje, com mais de 200 inscrições.

O *Grupo de Estudos*, ferramenta potencializadora do processo de ensino-aprendizagem, que acompanha o grupo desde a sua formação, também precisou ser readaptado frente aos desafios impostos pelo panorama atual. Assim, a leitura crítica, a compreensão de conceitos, o debate de impressões e ideias, a construção coletiva do conhecimento, que, habitualmente, constituem-se a partir de encontros presenciais, passaram a ocorrer por meio da plataforma interativa Skype. A continuidade das leituras e dos debates acerca da obra *Pedagogia do Compromisso: América Latina*

30 Os vídeos podem ser visualizados em: <https://www.youtube.com/channel/UCyfscokCTeKkCYUv3rpxmMA?view_as=subscriber>. Acesso em: 08 de out. de 2020.

e Educação Popular, de autoria de Paulo Freire, iniciados ainda em 2019, inaugurou o Grupo de Estudos no que tange ao ano de 2020.

Dando seguimento às atividades do *Grupo de Estudos* e levando em consideração o contexto que vivenciamos atualmente, por meio de nomes como Garcia, Hillesheim, Costa, Jessé Souza, Rosa e Silva, Guimarães e Moretti, Pochmann, Cattani, o Grupo Práxis parte de uma questão: por que é necessário dialogarmos sobre *Desigualdade e Diferença* nesse exato momento da nossa história? Agora, por meio de uma proposta audaciosa, estamos nos preparando para iniciar as análises e os debates sobre o âmbito privado, as sexualidades, os sentimentos, os afetos, os comportamentos violentos, os abusos sofridos por corpos que são vistos socialmente como desviantes da norma, do padrão. A partir da temática *Violências, Abusos e Sexualidades*, atentando sempre para o viés interseccional, pretende-se refletir sobre as diferentes opressões e restrições a que corpos distintos estão submersos.

A dimensão e a perspectiva da travessia entre a Graduação e a Pós-Graduação também é um aspecto muito presente no Grupo Práxis, visto que uma porcentagem relevante de estudantes que movimentaram o Programa de Educação Tutorial alçou voos de maior fôlego e conquistou o seu espaço nos diferentes níveis acadêmicos. Sendo assim, outra atividade que faz parte do escopo de ações do grupo é o projeto intitulado *Travessias*, a partir do qual busca-se divulgar e refletir sobre a carreira acadêmica. No ano de 2020, no formato de *lives*[31], dialogou-se sobre a desmistificação da Pós-Graduação, sobre o Processo de Transição entre a Graduação e a Pós-Graduação, sobre os desafios e os motivos de uma não transição, como também sobre Mulheres na Ciência e sobre Pós-Graduação Internacional.

A produção de conhecimento é fundamental para a construção de universitárias e universitários e, para além disso, de sujeitos da sua própria história. Ler, pesquisar, argumentar e refletir são condições indispensáveis para indivíduos críticos e para futuras pesquisadoras e futuros pesquisadores. Desse modo, é parte do planejamento do Grupo Práxis o investimento em pesquisa social empírica, assim como a construção de projetos e estudos sobre epistemologia e metodologia de pesquisa. Exemplo disso pode ser visualizado na *Formação em Metodologia da Pesquisa*, realizada no formato virtual. A partir da leitura e do fichamento de textos, além da participação nas discussões via plataforma interativa, foi possível o despertar do desejo de questionar, desconstruir, reconstruir e produzir ciência. Com um governo que nos quer ignorantes, nada mais revolucionário do que PENSAR.

Curiosidade. Reflexão. Escrita. Três conceitos que significam muito separados, mas são ainda mais contundentes quando articulados. Como acima mencionado, determinadas atividades estão sendo tecidas durante o período de pandemia – o quadro

31 As lives podem ser visualizadas em: <https://www.youtube.com/channel/UCyfscokCTeKkCYUv3rpxmMA/videos?view_as=subscriber>. Acesso em: 08 de out. 2020.

Curiosidade Reflexão Escrita é uma das ações fruto da conjuntura atual. A partir de poemas, contos, crônicas, análises de séries, filmes, livros, textos de opinião, a ideia é, justamente, oportunizar espaços para que as temáticas, os assuntos e as discussões que nos atravessam e nos transcendem, sejam expostos. As e os bolsistas, com base na preocupação com o bem-estar mental de quem está em casa, repensaram os usos das redes sociais, a fim de explanar suas criatividades e compartilhar anseios que não permeiam tão somente a questão do vírus, mas também suas indagações pessoais.

Assim, os escritos partiram de simbolismos e questionamentos emoldurados em formato de poema; articularam o vírus e (é) a desigualdade social; refletiram sobre os perigos postos em relação ao retorno das aulas de Educação Infantil; dialogaram sobre o gênero de ficção especulativa; compartilharam aspectos que permeiam as nossas existências, como a depressão, os vícios e as violências. Circundando a expansão da tríade Ensino, Pesquisa e Extensão, o papel da internet como veículo interativo se tornou fundamental para o alcance de determinados projetos do grupo, contando, obviamente, com a participação externa da comunidade virtual.

Além de redes de compartilhamentos, o sistema *online* constitui uma ponte entre diversos pensamentos, formas de ver o mundo, construções, diálogos e oportunidades de presentificação de personagens que, por causa da distância geográfica, dificilmente figurariam um encontro físico. *PET – Elos Virtuais* nasce, justamente, dessas conexões que estão sendo estabelecidas e/ou fortificadas frente ao cenário atípico que estamos enfrentando como sociedade. Dessa forma, a atividade vem sendo arquitetada com a finalidade de orquestrar diálogos emergentes baseados em pensamentos outros, lugares interligados com os diversos campos da Ciência – Biologia, Letras, Psicologia, Educação, em variadas perspectivas do Ensino-Aprendizagem.

Sendo assim, as possibilidades múltiplas de diálogo partiram dos pressupostos sociológicos de Pierre Bourdieu; (in)visibilidades sociais na escola; estratificação social e classes médias; oficina de leitura de poesias; os desafios da pesquisa interdisciplinar; percorrendo, também, por meio do voo do passarinho, as histórias de Malala, Anne Frank e Frida Kahlo; a atuação educacional nas periferias de Florianópolis/SC; Educação Popular e as experiências em cursinhos pré-universitários populares; diálogo sobre Saúde Coletiva; atingindo, finalmente, o exercício docente no sistema prisional. Aqui, é pertinente destacar que as ações do Grupo Práxis não são fixas, imóveis, mecanicistas; pelo contrário, podem e devem ser remodeladas e repensadas a cada novo passo.

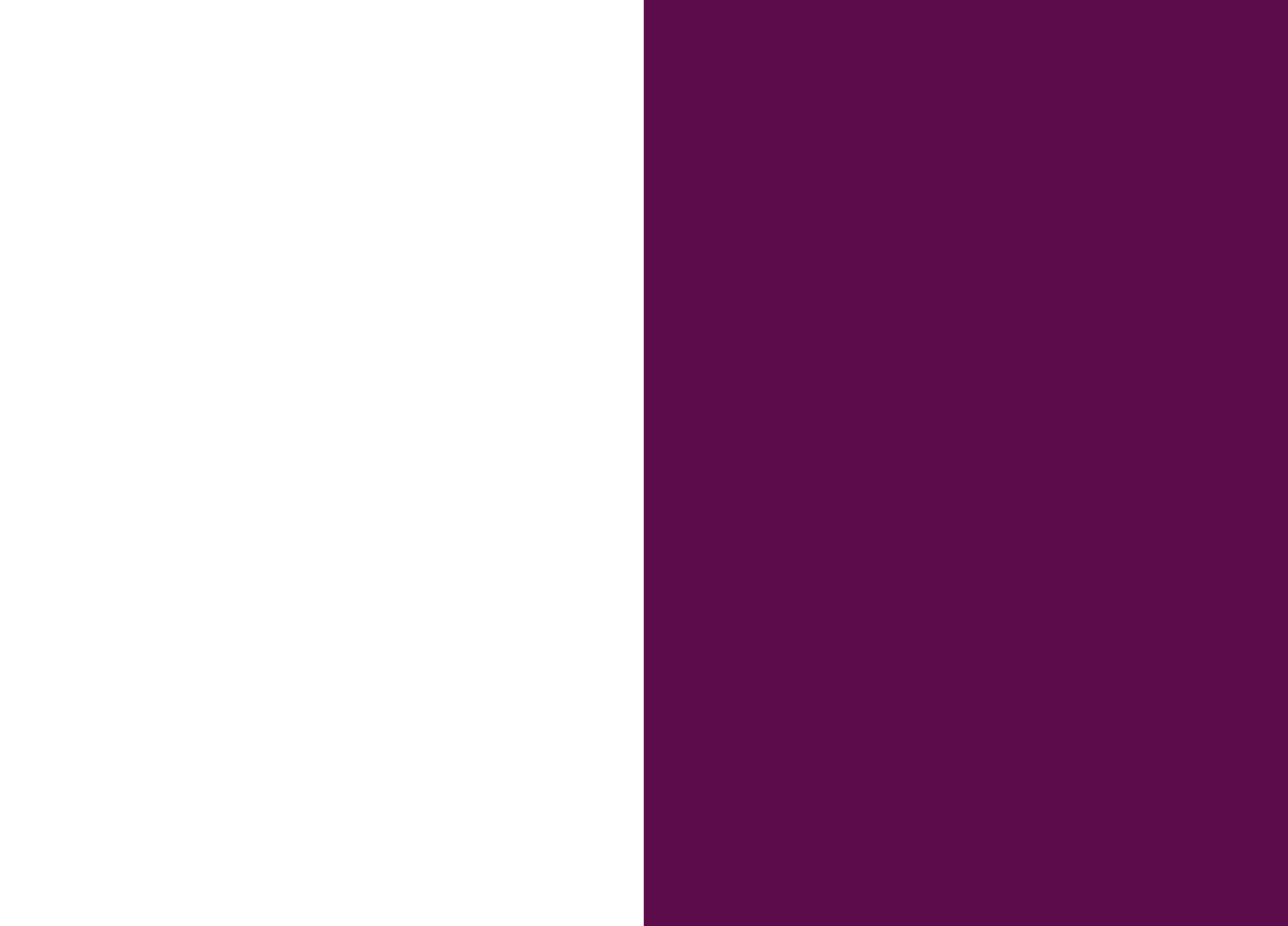
Considerando as diversidades, as transformações do Grupo e de suas ações, sabe-se que os processos e as configurações da constituição do PET Práxis são reflexo do tempo histórico em que se inserem. Os estudos de matriz freireana e a constante influência nas discussões do PET são arpejos constituintes de um aspecto maior, apontando, como diria Paulo Freire, para sulear e ir além de que tudo que está posto como pronto e acabado. Partindo da própria historicidade do grupo, o evento *PET em*

Debate passou por modificações explícitas – a noite de debates sobre determinado assunto transfigurou-se em uma semana de conversas, mesas-redondas, oficinas, momento denominado *PET em Movimento*. No momento pandêmico, o evento tem, por horizonte, como está colocado em calendário e em planejamento, videoconferências e análise de filmes.

Faz-se imprescindível sublinhar que compor o Grupo Práxis é fazer parte de uma pluralidade de ações, tanto internas quanto externas ao *Campus* Erechim. Potencialmente, frente ao cenário pandêmico, os grupos PET foram impelidos a repensar os espaços de atuação, formato virtual ao invés do contato presencial, inserindo nessa lógica, inclusive, os ambientes de encontro e diálogo do Programa de Educação Tutorial em níveis interno, regional e nacional. Participar ativamente e ser agente fomentador da mediação e do envolvimento em atividades adjacentes é atribuição conjuntural de bolsistas, voluntárias e voluntários. Nesse sentido, destacam-se o *Seminário Interno dos Grupos de Educação Tutorial (SINPET)* e o *Encontro Nacional dos Grupos de Educação Tutorial da Região Sul (SULPET)* – atmosferas propícias para o aflorar de conexões, compartilhamentos, posicionamentos e, no limite, (re)pensar movimentos conjuntos, que interliguem o país de Sul a Norte, para a continuidade e a valorização do programa.

Possibilidades outras que acometem bolsistas do programa são cenários que colocam nossas falas e conhecimentos em evidência – atuando sob convites e conexões – em *lives*[32], palestras, apresentações de trabalhos, mediações, produções audiovisuais. Além dos escritos que acompanham o grupo e suas composições e são fundamentais para retratar e perceber as múltiplas caminhadas inerentes a cada bolsista para a entrada e a permanência em instituições de Ensino Superior – prática inscrita como *Memoriais Formativos*. Partindo, também, do fomento aos escritos que refletem acerca das conjunturas e jornadas do Grupo Práxis e da Educação Tutorial, sob o formato de *capítulos de livros*.

As amplitudes e as ações do Grupo Práxis – PET Conexões de Saberes/Licenciaturas atravessam a existência da Instituição à qual estão vinculadas – a Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) *Campus* Erechim (RS) – e externam capacidades de conectar espaços e pessoas. Por meio de quebras de fronteiras, eventos, participações ativas no espaço acadêmico, o PET demarca a constituição de ações visíveis e integradoras da comunidade interna e externa e, atualmente, da comunidade virtual. No ano de 2020, o PET Práxis completa 10 anos de história.

32 Exemplo disso pode ser visto em: <https://www.facebook.com/xpaocomovo/videos/386141382552838>.

Este livro é um compêndio de narrativas que perpassam as relações entre Educação Tutorial e Educação Popular trazendo à tona o que nos torna conscientes agentes políticos em formação. As trajetórias e escritas possíveis por meio da Universidade Pública dialogam com as potencialidades que formam educadoras e educadores, cientistas, profissionais que anseiam por perspectivas outras. Os escritos são protestos, indignações, denúncias e anúncios contra o sistema desigual que exclui e invisibiliza determinados corpos que, historicamente, foram e continuam sendo censurados do pensamento crítico e do espaço acadêmico. A experiência e o aprendizado são desafios políticos tornados, aqui, palavra.